

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO - EEAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - MESTRADO



**A PRODUÇÃO DA CRENÇA NA IMAGEM DA ENFERMEIRA DA CRUZ VERMELHA
BRASILEIRA NO PERÍODO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1917-1918).**

MERCEDES NETO

RIO DE JANEIRO

2011

Mercedes Neto

**A Produção da Crença na Imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Período da
Primeira Guerra Mundial (1917-1918).**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Mestrado, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem

RIO DE JANEIRO

2011

Neto, Mercedes.
N469 A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918) / Mercedes Neto, 2011.
125f.

Orientador: Fernando Porto.
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

1. Cruz Vermelha Brasileira – História – 1917-1918. 2. Cruz Vermelha Brasileira - Aspectos sociais. 3. Enfermeiras – Simbolismo. 5. Enfermagem voluntária. 6. Enfermagem - Profissionalização. I. Porto, Fernando. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003-). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Curso de Mestrado em Enfermagem. III. Título.

CDD – 610.7309

**A Produção da Crença na Imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Período da
Primeira Guerra Mundial (1914-1918).**

Mercedes Neto

Relatório final de Dissertação de Mestrado submetido à Banca Examinadora como exigência do curso de Mestrado da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em Março de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Porto
Presidente

Prof^a. Dr^a. Tânia Cristina Franco Santos
1^o Titular

Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim
2^o Titular

Prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior
1^o Suplente

Prof^a. Dr^a. Almerinda Moreira
2^o Suplente

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

“Ao meu pai, Luiz Alberto de Oliveira Neto, que me ensinou que o maior bem que ele poderia me deixar, era o conhecimento, e me incentivou e ensinou, desde criança, a buscá-lo, por meio da curiosidade do saber”.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos, aqui, são a gratidão àqueles que me ajudaram, mesmo distante, a concluir esta etapa em minha vida, meu processo de conhecimento. E, por isso, hoje, agradeço a vocês.

A Deus por todas as bênçãos e manifestações de alerta nos percalços que surgiram em meu caminho.

A minha mãe, Cátia, e meu pai, que já não se encontra neste mundo, mas que vive em meu coração, que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Aos meus irmãos, Kamilla, por compreender as horas de uso do computador, e a luz acesa nas madrugadas de produção da dissertação, e Ygor, que me lembrava que eu tinha que me alimentar levando “lanchinhos” no meu quarto.

Às minhas avós, Teresa e Zilda, que sempre me apoiaram e rezaram por mim durante o mestrado, e entenderam minha ausência e distância que se faziam necessárias.

Aos meus tios, Rita e Luiz Antônio, e também os “emprestados”, Geraldo e Cristina, que sempre depositaram confiança e perseverança no que eu acredito, e no que eu sou, me incentivando e impulsionando em busca do melhor.

Aos meus primos, Rodrigo, Kássia, Allan, Diego e Lys, que com parceria, e nas horas vagas, matávamos a saudade e “aprontávamos”, e muitas vezes, ouviram eu falar sobre minha dissertação com paciência, expressando suas opiniões.

Ao “lindinho da dinda”, Guilherme, que compreendia minhas saídas mais cedo de suas festinhas e brincadeiras, e pela ausência e saudade que expressava em cada telefonema.

Ao professor Fernando que foi orientador, mestre, amigo, parceiro. Pelas orientações sofridas e divertidas, conseguia me inspirar compartilhando suas experiências, o que permitia momento de reflexão e crítica. É um exemplo de competência, ética e dedicação, cujos ensinamentos foram de grande importância para minha segurança durante o processo dissertativo. Muito obrigada por apostar em mim!

Ao Sérgio, que me agüentava em sua casa até altas horas da noite (e da madrugada), e participou desta minha conquista com muito carinho e alegria.

A irmã que eu escolhi nesta vida, minha amiga Marina Carvalho, que divide comigo todos os momentos da minha história, me apoiando e incentivando no meu crescimento profissional e pessoal. Amo muito você. Obrigada!

Aos meus amigos, Marilena, Rodrigo Constantino, Thiago Mariquito, Amanda Meneleu, Thiago Vial, Thiago Guerson, Greice Prata, Desiree Marques, Simone Albergaria, Marcelle Nolasco, Ana Carolina Paz, Thays Paes, Naninha, Mariana Leal, Paula Joazeiro, Renata Oliveira, Cyro Carneiro, Daniel Pereira, e a todos os outros, que por lapso de memória, não estão aqui, que seguem comigo nesta caminhada, me animando e dividindo o que há de melhor na vida.

Aos meus amigos da cidade natal, Paracambi, Isabela Chagas, Charlene Andrade, Carola Manhães, Anne Caroline Pires, Lívia, Rodrigo Fontes, Bruno Werneck, Fernando Barreto, Daniela Torres, que cresceram comigo e entenderam minha distância nestes dois anos.

Às amigas, pesquisadoras em História da Enfermagem, do LAPHE, Lílian Fernandes, Amanda Coury, Mary Ann e Fernanda Teles, Louise Vidal, e a dupla dinâmica, Thais e Tainara, pelo companheirismo e apoio.

Aos professores, doutores em História da Enfermagem, Wellington, Fernando, Almerinda e Osnir e aos membros do LAPHE que contribuíram significativamente para o meu crescimento na linha da História da Enfermagem e que proporcionaram a elaboração e o aprimoramento dessa dissertação durante as apresentações, às quartas-feiras, no laboratório.

À professora e doutora Ângela La Cava que me apoiou durante a graduação em Enfermagem e pelos ensinamentos em Metodologia da Pesquisa, durante o período de monitoria.

Aos componentes da banca, titulares e suplentes, qualificação e defesa da dissertação que atenderam ao meu pedido com carinho e muito contribuíram para construção dessa dissertação.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que com competência e dedicação conduziram o curso de mestrado.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

À Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e todos os docentes e discentes que me acolheram com carinho e cuidado durante todos esses anos, na graduação e na pós-graduação.

Aos meus amigos e colegas de trabalho da Secretaria Municipal de Saúde – CAP 1.0 – Rio de Janeiro, Carla Maciel, Célia Guimarães, Márcia Bessa, Lenon, Denise, Alex, Rosalina, Demétrio, e todos os outros que seguraram as “pontas” para que este trabalho fosse concluído.

Às enfermeiras da CORDVIDA, Juliana, Roberta, Fernanda e Sabrina, e aos professores e funcionários da Escola Técnica Sandra Silva que me incentivaram em todo o momento.

Aos amigos que fiz quando trabalhava na Escola Técnica em Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, Daniel, Clara, Rafael, Fábio, e a todos os alunos, que me inspiravam a buscar mais conhecimento enquanto Enfermeira.

Hoje, com todo amor, carinho, respeito e admiração a todos, o meu sincero, MUITO OBRIGADA!!!!!!”

LISTA DE SIGLAS

CVB – Cruz Vermelha Brasileira

CRB - Cruz Roja Brasileña

BRC - Brazilian Red Cross

LAPHE – Laboratório de Pesquisa em História da Enfermagem

LACENF – Laboratório de Abordagens Científicas em Enfermagem

CCBS – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

EPEE – Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras

EPECVB – Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira

SÚMARIO DE QUADROS E TABELAS

Tabela nº. 01	24
As imagens veiculadas na Revista da Semana no período da I Guerra Mundial (1914-1918).	
Tabela nº. 02	25
As imagens ilustradas na Revista Fon Fon no período da I Guerra Mundial (1914-1918).	
Tabela nº. 03	26
As imagens de seleção pelo <i>corpus</i> do estudo – Revista da Semana e Fon Fon	
Quadro Demonstrativo Nº. 01	51
A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e o Curso de Enfermeira Voluntária da Cruz Vermelha Brasileira.	
Quadro Demonstrativo Nº. 02	54
Tempo de duração dos Cursos de Enfermeira Voluntária e Profissional	
Quadro Demonstrativo Nº. 03	60
Os Requisitos para Matrícula, as Matérias e Criação dos Cursos de Enfermeiras da CVB e da EPEE	
Quadro demonstrativo nº. 04	90
Representações objetais ostentadas pelas enfermeiras nas imagens dos <i>fac-símiles</i> veiculados na Revista da Semana e Fon Fon.	

SÚMARIO DE IMAGENS

Figura nº. 01	46
Bandeira do Sacro Império Romano-Germânico	
Figura nº.02	47
Bandeira da Suíça	
Figura nº.03	47
Bandeira da Cruz Vermelha	
Fac-símile nº. 01	73
A Festa da Cruz Vermelha Brasileira e a Associação Protetora das Crianças Pobres, na Praça da República (REVISTA DA SEMANA, 28/07/1917, p.17)	
Fac-símile nº. 02	76
Festa da Cruz Vermelha no Skating do Leme. (REVISTA DA SEMANA, 11/03/1917, p. 08)	
Fac-símile nº. 03	78
Vários Aspectos da Manifestação feita ao Gel. Thaumaturgo de Azevedo, presidente da Cruz Vermelha, sendo inaugurado na sede de sua utilíssima instituição, o seu retrato a óleo (REVISTA FON FON, 07/12/1917, p. 32)	
Fac-símile nº. 04	81
Vários Aspectos da Manifestação feita ao Gel. Thaumaturgo de Azevedo, presidente da Cruz Vermelha, sendo inaugurado na sede de sua utilíssima instituição, o seu retrato a óleo (Revista Fon Fon, 07/12/1917, p. 32).	
Fac-símile nº. 05	83
O General Thaumaturgo de Azevedo entregando o certificado de aptidão técnica a uma das dedicadas enfermeiras voluntárias que concluiu seus estudos (REVISTA FON FON, 03/1917, p. 35).	
Fac-símile nº. 06	87
Capa da Revista da Semana (Revista da Semana, 08/06/1918, capa)	
Figura Nº. 04.....	108
Esquema Sinóptico – Círculo da Crença	

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
OBJETIVOS	19
JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	19
ASPECTOS TEÓRICOS.....	21
ASPECTOS METODOLÓGICOS	25
ASPECTOS LEGAIS	36
Capítulo 1 – CRUZ VERMELHA.....	37
- Movimento da Cruz Vermelha nas Américas	37
- A Criação da Cruz Vermelha Brasileira no Rio de Janeiro.....	39
- Elementos Simbólicos da Cruz Vermelha.....	43
Capítulo 2 – FORMAÇÃO E IMAGENS DAS ENFERMEIRAS	52
NA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA	
- Curso de Enfermeira Voluntária	52
- Curso de Enfermeira Profissional	
- Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira	64
Capítulo 3 – IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA	70
DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA	
- Enfermeiras nas páginas da imprensa ilustrada	70
durante a I Guerra Mundial	
Capítulo 4 - REPRESENTAÇÕES OBJETAIS DAS ENFERMEIRAS E	92
SEUS EFEITOS PARA A REPRODUÇÃO DA CRENÇA SIMBOLICA NA	
CRUZ VERMELHA BRASILEIRA	
- O uniforme	92
- Desmonte dos Uniformes	95
- Efeito da reprodução da crença simbólica na Cruz Vermelha.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
ANEXO A – MATRIZ DE ANÁLISE FOTOGRÁFICA.....	125

RESUMO

O presente estudo tem como objeto a reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha Brasileira, por meio das representações objetais ostentadas pelas suas Enfermeiras, veiculada na imprensa ilustrada. A delimitação temporal foi de 1917 a 1918, período da I Guerra Mundial, com cenário no Rio de Janeiro. As imagens foram oriundas das Revistas da Semana e Fon Fon. A Cruz Vermelha foi fundada no Rio de Janeiro em 1908, com repercussões em território nacional, desde 1893, período da Guerra dos Farrapos. A Instituição desembarca no Rio de Janeiro sob a representação objetual da cruz na cor vermelha em sua bandeira, e reproduz a crença simbólica sob os uniformes das Enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras da CVB. Esta, fundada em 1916, abrigou o Curso de Enfermeira Profissional (1916), com foco para atuação em Hospitais e Casas de Saúde, e o de Enfermeira Voluntária, para atuação no Dispensário Médico Cirúrgico desta Instituição. Os cursos se distinguem em seu formato em virtude de seu objetivo, entretanto, para reproduzir a crença simbólica da Cruz Vermelha, as Enfermeiras de ambos os cursos da CVB atuam como agentes mensageiras. Para isso, a análise se deu por meio das representações objetais ostentadas por elas em ritos Institucionais, pautado nos ideais da Cruz Vermelha, principalmente, o voluntariado. As mulheres, no período da I Guerra Mundial, por meio da formação em Enfermeiras da CVB, conseguiram, na via da profissionalização, deslocar do meio privado para o público, posicionando-se no mercado de trabalho, e para Cruz Vermelha a reprodução da crença simbólica nesta Instituição.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo reproducir la creencia simbólica Cruz Roja Brasileña, a través de representaciones de objetos divertidos por sus enfermeras, publicado por la prensa ilustrada. La delimitación de tiempo fue desde 1917 hasta 1918, durante la Primera Guerra Mundial, con un escenario en Río de Janeiro. Las imágenes se obtuvieron de los diarios de la semana y Fon Fon. La Cruz Roja se fundó en Río de Janeiro en 1908, con repercusiones en el territorio nacional, desde 1893, durante la Guerra de la Trapería. Institución aterrizó en Río de Janeiro, bajo la representación del objeto en la cruz roja en su bandera y tocar la creencia simbólica de los uniformes de la Escuela de Enfermeras de formación para las enfermeras de la CRB. Esta, fundada en 1916, alberga la enfermera profesional de golf (1916), con un enfoque de trabajo en hospitales y asilos de ancianos y enfermeras voluntarios, para trabajar en el Dispensario Médico Quirúrgico de esta institución. Los cursos se diferencian en su forma debido a su meta, sin embargo, para reproducir la creencia simbólica de la Cruz Roja, las enfermeras de ambos cursos de CRB como mensajero de los agentes. Para ello, el análisis se hace por medio de representaciones de objetos-en el que desfilaron los ritos institucionales, con base en los ideales de la Cruz Roja, sobre todo el voluntariado. Las mujeres, durante la Primera Guerra Mundial, a través de la formación de las Enfermeras en CRB, logró, a la profesionalización de los medios privados a la audiencia, posicionándose en el mercado laboral, y para la reproducción de la creencia de la Cruz Roja simbólico en esta institución.

ABSTRACT

This study aims to reproduce the symbolic belief Brazilian Red Cross, through representations Object sported by their nurses, published by the press illustrated. The delimitation of time was from 1917 to 1918, during World War I, with a scenario in Rio de Janeiro. The images were obtained from the Journals of the Week and Fon Fon. The Red Cross is founded in Rio de Janeiro in 1908, with repercussions on national territory, since 1893, during the War of Tatters. Institution landed in Rio de Janeiro under the representation of the object in red cross on its flag and play the symbolic belief in the uniforms of the Nurses Training School for Nurses of the BRC. This, founded in 1916, houses the Vocational Nurse Course (1916), with a focus to work in Hospitals and Nursing Homes and Nurse Volunteer, to work in Medical Surgical Dispensary of this institution. The courses differ in their shape due to his goal, however, to reproduce the symbolic belief of the Red Cross, the Nurses of both courses of BRC as agent's messenger. For this, the analysis was done by means of object-representations in which they paraded Institutional rites, based on the ideals of the Red Cross, mainly volunteering. Women, during the First World War, through the formation of the Nurses in BRC, succeeded, towards the professionalization of the private means to move the audience, positioning itself in the labor market, and for the reproduction of the Red Cross belief symbolic in this institution.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação é parte do projeto de pesquisa, inscrito na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, intitulado “Imagem Pública da Enfermeira Brasileira”, coordenado pelo Dr. Fernando Porto, tendo por foco central o mecanismo de construção da imagem pública da enfermeira brasileira veiculada na imprensa ilustrada no distrito federal, período de 1916-1931.

Este projeto se desdobra em vários subprojetos, dentre eles, a “Imagem pública da enfermeira durante a I Guerra Mundial”, o qual ao ingressar no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Enfermagem, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, assumi como proposta o desenvolvimento da dissertação.

Para tanto, se destaca que mediante minha posição como mestranda na pesquisa foi de contextualizar, analisar e discutir as imagens de Enfermeiras veiculadas na imprensa ilustrada. Imagens que o coordenador do projeto, durante a confecção da tese de doutoramento intitulada “Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira na imprensa ilustrada: o poder simbólico do *click* fotográfico” (2007) foi orientado pela Dra. Tânia Cristina Franco Santos, da Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro, que lhe proporcionou a construção de um banco de imagens, de Enfermeiras ou nelas inspiradas, que foram veiculadas nas Revistas da Semana e Fon Fon.

Neste sentido, posso afirmar que, mediante o banco de imagens do acervo particular do coordenador do projeto, me interessei em debruçar-me sobre estes documentos imagéticos com a proposta de contribuir, de forma

intelectual, no entendimento da construção do mecanismo da imagem pública da Enfermeira no período da I Guerra Mundial (1914-1918).

Ao partir deste interesse no banco de imagens, articulada a minha experiência profissional como ex-docente do Curso de Técnico de Enfermagem, na Filial da Cruz Vermelha Brasileira do Estado do Rio de Janeiro, debrucei-me sobre as imagens coletadas e na História da Cruz Vermelha, e suas representações objetais, por meio das noções do sociólogo francês, Pierre Bourdieu.

Nesta aproximação com as imagens e a noção de representação objetual, identifiquei a possibilidade da aplicação desta, a análise daquelas imagens.

O banco de imagens disponibilizado no período 1916-1918 possui trinta e uma páginas na Revista da Semana e vinte e uma páginas na Revista Fon-Fon, cada página com uma a cinco imagens, às vezes, dispostas em mosaico, o que deu início ao estudo exploratório no sentido de critérios e delimitações.

Deste modo, mediante ao exposto decidiu-se delimitar institucionalmente o estudo na Cruz Vermelha Brasileira, como contribuição para o preenchimento de uma das lacunas históricas daquela Instituição centenária, localizada na cidade do Rio de Janeiro.

A Cruz Vermelha teve como mentor, Jean Henry Dunant, nascido em Genebra, Suíça (1828-1910). A criação da Instituição parte da experiência dele, que ao passar pelo campo de batalha de Solferino, que envolveu Itália e França contra a Áustria, e duzentas mil pessoas, ficou impressionado no sentido de ver o sofrimento daqueles feridos.

Em síntese, àquela experiência o estimulou ao movimento de criação da Cruz Vermelha, que após articulações políticas, dentre elas, se destaca: em 1863, a conferência realizada em Genebra, Suíça, a qual contou com dezesseis países e quatro instituições filantrópicas, que concordaram com a proposta do movimento em apreço e, quando o governo suíço para reiterar àquele movimento, convocou nova conferência diplomática, em 1864.

Essa convocação materializou o tratado denominado Convenção de Genebra, com a finalidade de dar assistência aos soldados feridos nos conflitos, bem como cada signatário deveria se comprometer em criar em seus países uma Sociedade da Cruz Vermelha de caráter civil.

Ademais, por meio dessa Convenção de Genebra, hospitais militares, ambulâncias, médicos e enfermeiras seriam considerados neutros, bem como a área hospitalar como zona de segurança.

Para tanto, deveriam usar o símbolo da Cruz Vermelha, o que materializou como uma das etapas para a criação da Instituição. Esta materialização contou com o apoio de doze países e cinquenta e dois signatários, que entenderam o tratado como o primeiro Direito Internacional Humanitário e o nascimento do voluntariado.

No Brasil, a Cruz Vermelha foi criada em 1908, no Rio de Janeiro, por estímulo de Joaquim de Oliveira Botelho, no sentido de fortalecer e expandir os ideais humanitários propostos pela Cruz Vermelha, presidindo, à época, a Instituição, o médico e sanitarista Oswaldo Cruz.

Essa Instituição foi autorizada para funcionamento pelo Decreto Nº. 2.380, de 31 de dezembro de 1910, emitido pela Casa Civil, assinado pelo presidente do país Hermes da Fonseca. No ano de 1912, a Cruz Vermelha

Brasileira foi reconhecida internacionalmente para exercer suas atividades em todo território nacional.

O período da I Guerra Mundial foi pauta pela imprensa escrita, que o Historiador Hélio Silva fez Sidney Garambone (2003, p. 46) refletir sobre a temática com a frase “quem quiser conhecer os fatos e figuras que dirigiam o Brasil terá que ler os jornalistas, referindo-se ao início do século no país” que deu origem a obra “A primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira”.

Anterior ao fato histórico da I Guerra Mundial, a Enfermagem brasileira, em especial no eixo Rio-São Paulo, tinha várias iniciativas e algumas materializações de profissionalização, dentre elas, pode-se citar, como tal: Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, criada em 1890, pelo Decreto 791, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Hospital Samaritano (1896), em São Paulo e o Curso de Enfermeiras da Filial da Cruz Vermelha Brasileira do Estado de São Paulo (1912) (MOTT E OGUISSO, 2003, p. 91).

Cabe ressaltar que, possivelmente, outras iniciativas possam ter sido criadas, mas talvez não tenham passado por apenas iniciativas. Por outro lado, isso não deve ser entendido como demérito algum, pois contribuíram, por meio de suas limitações, para o avanço do processo de profissionalização da Enfermagem brasileira.

Em 1914, a Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central – criou o Curso de Enfermeira Voluntária e, em 1916, o Curso de Enfermeira Profissional e a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, no Rio de Janeiro.

Outra instituição que, também, despertou para a necessidade em profissionalizar a Enfermagem foi a Policlínica de Botafogo, em 1917, quando

criou o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo, tendo como justificativa a necessidade de formar um corpo de saúde para integrar o exército, formados pelos cirurgiões de guerra, no qual não se poderia prescindir de peritas e educadas Enfermeiras. Ademais, este curso formou duas turmas (1917-1918 e 1919-1920) e não se sabe, até momento, da formação de mais Enfermeiras pela Instituição (MOTT E OGUISSO, 2003, p. 85-89).

Os cursos da Cruz Vermelha Brasileira e da Policlínica de Botafogo não ocorreram ao acaso ou pelo simples interesse em profissionalizar a Enfermagem, mas sim em virtude do contexto da I Guerra Mundial, que em fins de 1917, o Brasil anunciou sua inserção.

Mediante ao fato histórico é inegável o interesse, em especial, da Cruz Vermelha Brasileira, em promover o Curso de Enfermeira Profissional e a criação da Escola Prática de Enfermeiras da Instituição, em decorrência da sua trajetória histórica internacional.

Esta tradição histórica da Cruz Vermelha Internacional pode ser entendida como a noção de Pierre Bourdieu de reprodução da crença simbólica (BOURDIEU, 2004).

Nesta perspectiva, cabia a Cruz Vermelha Brasileira sensibilizar a sociedade e ter com uma de suas estratégias a possibilidade de divulgação das suas atividades na imprensa escrita e/ou ilustrada, com a finalidade de chegar, a quem fosse de interesse, os seus feitos, bem como ter por objetivo repercussão internacional, considerando mais uma vez a origem da Instituição.

Destaca-se que a visibilidade da Cruz Vermelha Brasileira na imprensa ilustrada, posterior a I Guerra Mundial, durante a Gripe Espanhola, foi objeto de estudo do mesmo projeto matriz coordenado pelo Dr. Fernando Porto ao

orientar Amanda Ferreira Coury intitulada “Fatos e fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola: a imagem pública da Enfermeira (1918)”¹, que evidenciou a projeção institucional (COURY, 2010).

Neste sentido, mediante o total de cinquenta e três páginas, com imagens de Enfermeiras, do acervo particular do coordenador do projeto, veiculadas nas páginas das Revistas da Semana e Fon Fon, o estudo tem como **objeto** a reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha Brasileira, por meio das representações objetais ostentadas pelas suas Enfermeiras, veiculada na imprensa ilustrada.

Em síntese, na contextualização do objeto de estudo, destacam-se como antecedentes o início do período republicano, que foi marcado por grande instabilidade política de difícil situação econômica dos pobres e a insatisfação com o domínio das oligarquias, os quais geraram vários movimentos populares.

A delimitação temporal foi de 1917-1918 mediante as imagens veiculadas de Enfermeiras nas Revistas da Semana e Fon Fon, como mecanismo de construção da imagem da Enfermeira e a reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha.

As imagens de mulheres Enfermeiras ao serem veiculadas na imprensa ilustrada, a primeira vista deixaram transparecer certo apelo à sociedade, no sentido de sensibilizar, por meio de seus sentimentos de caridade e piedade, às mulheres. Porém, as análises evidenciaram os efeitos simbólicos no engendramento para a reprodução da crença simbólica na Cruz Vermelha.

¹ Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Enfermagem, da UNIRIO, defendida pela autora Amanda Coury, em dezembro de 2010.

Para tanto se teve por objetivos:

- Descrever as estratégias empreendidas para o movimento e os símbolos de internacionalização da Cruz Vermelha;
- Analisar as imagens das Enfermeiras, por meio das representações objetais, veiculadas na imprensa ilustrada;
- Discutir o efeito do poder na reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha.

JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

O produto desta pesquisa é oriundo do Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE)² e do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF) como contribuição do entendimento na construção do mecanismo da imagem pública da Enfermeira brasileira.

Ressalta-se que, esta pesquisa é de certa maneira o aprofundamento de outros estudos já realizados, tais como: “A Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira na Imprensa Escrita” dos autores Fernando Porto e Ana Cláudia de Souza Barboza (2005); “A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da Cruz Vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial” dos autores Fernando Porto e Tânia Cristina Franco Santos (2006).

Ademais, a presente contribuição se torna reveladora no sentido que possibilita (des)cristalizar alguns aspectos sobre os ritos e emblemas da

² LAPHE é um laboratório de pesquisas em História da Enfermagem fundado em 2000, que abriga professores da EEAP, e pesquisadores de outras instituições, bem como os alunos e bolsistas da graduação e pós-graduação que desenvolvem pesquisas sobre História da Enfermagem, ou das ciências da saúde.

profissão, que podem ser entendidos por meio da construção do *habitus* profissional na formação da identidade profissional.

Mediante ao exposto acredito que os resultados da pesquisa possam não só contribuir para o entendimento da construção do mecanismo da imagem pública da Enfermeira brasileira, bem como preencher algumas lacunas da historiografia da profissão e os *nexus* que a Enfermagem teve/tem com a Cruz Vermelha Brasileira.

ASPECTOS TEÓRICOS

O estudo parte de uma abordagem teórica pautada no pensamento de sociólogo e teórico francês Pierre Bourdieu. O ponto auge dos relatos de Bourdieu é a compreensão do caráter estruturado das práticas sociais, em parte sem entrar na subjetividade de conceitos, segundo o qual essas seriam organizadas de maneira independentes, consciente e também por meio de agentes sociais.

Ao sair dessa retórica, Bourdieu denomina a noção de *habitus*, com auxílio da produção definida pelos próprios sujeitos do campo, entendido como sistema de disposição durável e estruturado de acordo com o meio social dos sujeitos, que seria predisposto a funcionar como sistema estruturante. Isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações (BOURDIEU, 2003, p. 60-64).

A noção de *habitus*, introduzido na leitura das imagens, permitiu a apreensão da estrutura social objetiva, por meio das representações objetivas exposta no campo, mostrando que a dominação masculina se estabeleceu de forma inconsciente mediante as ações. Nesta perspectiva, as ações dos agentes no campo produziram sentido objetivado que lhes escapou, o que levou a agirem de forma não intencional num grupo.

Com isso, o *habitus* por meio dos emblemas, que os diferem no campo, definem posições dos sujeitos, a hierarquia, como também ações estratégicas a produção da crença simbólica.

Por sua vez, a noção de campo é utilizado neste estudo como área de posicionamentos sociais nos quais determinados tipos de bens são produzidos, utilizados e definidos por categorias (BOURDIEU, 1998). Desta maneira, a

Revista da Semana e a Revista Fon Fon se definiram no estudo, em formato de mídia ilustrada. O campo para posicionamento da Cruz Vermelha Brasileira na formação profissional das Enfermeiras, em tempos de guerra e calamidades, proporcionou à Instituição o poder simbólico, o qual foi coadjuvante na construção da imagem da Enfermeira.

Para se externar esta assertiva, pode-se citar que a Cruz Vermelha Brasileira se utilizava das representações objetais para este fim. As representações objetais foram os símbolos da Instituição, ou seja, emblemas, bandeira, uniforme, as cores vermelha e branca, bem como àqueles incorporados pelas enfermeiras, como as poses e posturas nas imagens – *hexis* corporal -, de modo a demarcar suas posições no campo da formação profissional da enfermagem.

Vale mencionar, que as representações mentais, também, eram geradas por meio da divulgação da imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira. Para Bourdieu (1998, p. 107-108), a representação mental é entendida como atos de percepção e de apreciação, de conhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos; em contrapartida as representações objetais são coisas, emblemas, bandeiras insígnias. Enfim, atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental), que os outros podem construir a respeito, tanto dessas propriedades, como de seus portadores.

Outra noção adotada por Bourdieu (2002) é o capital cultural, que se apresenta de três formas. A primeira, no estado incorporado, sob a forma das disposições duráveis do organismo. Este pressupõe o trabalho de assimilação

à custa do tempo investido pessoalmente pelo agente ou grupo e não pode ser transferido espontânea ou instantaneamente por doação.

A segunda se refere ao estado objetivado, sob a forma de bens culturais. Este transferível em sua materialidade, entretanto, as condições de utilização e operação dos bens são propriedades do estado incorporado e não são transferíveis (BOURDIEU, 2002).

Por último, o terceiro estado é denominado de institucionalizado, sob a forma de títulos e diplomas. Este estado confere ao capital cultural um reconhecimento institucional. Dito de outra maneira, o certificado escolar permite a comparação entre os diplomas e reconhecimento institucional no mercado de trabalho, o que proporciona posicionamento do profissional no campo (BOURDIEU, 2002).

Outra noção que o estudo incorporou foi o da *hexis* corporal, que esclarece sobre a motricidade do corpo. Este esquema postural é, ao mesmo tempo, singular e sistemático, pois é solidário de todo um sistema de técnicas do corpo e de instrumentos, e carregado de uma miríade de significações e de valores sociais (BOURDIEU, 1972)

A noção de crença simbólica pode ser entendida, por Bourdieu, como sendo produzida no momento em que há desconhecimento coletivo. Neste sentido, o poder das palavras não reside nas próprias palavras, mas nas condições que dão poder a elas, criando a crença coletiva (BOURDIEU, 2004a, p. 161). Esta crença foi entendida pela fé depositada pela sociedade, na imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira.

A crença simbólica, no estudo, direcionou-se para criação do círculo da crença. Este é determinado pelo poder consagrado em função da fé depositada

pela sociedade, por meio das representações, naquilo que, por si só, estabelece autoridade no campo, e em conjunto com outros agentes, constituem relações em que se beneficiam a eles e a si. (BOURDIEU, 2004a, p. 23)

Para tanto, no estudo, o círculo da crença foi materializado mediante adaptação do esquema sinóptico do teórico em referência, que evidenciou como ocorria o efeito da produção da crença simbólica, por meio das Enfermeiras e suas representações objetais, e pela *hexis* corporal, para a reprodução dos ideais da Cruz Vermelha.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo na perspectiva histórico-semiótica. Isto se deve, em virtude da fundamentação da matriz de análise a ser apresentada mais adiante, por ampliar a capacidade crítica e explicativa do fenômeno social, por meio da interpretação das mensagens imagéticas veiculadas nas suas diversas expressões sociais, ao penetrar no universo das representações, ao identificar e desvendar influências e interrelações, e mecanismos dos grupos sociais envolvidos (MAUAD-ANDRADE, 1991, p. 6-7 e 434).

Os documentos escritos são oriundos do relatório Institucional, registros da imprensa escrita e ilustrada. Os documentos iconográficos são aqueles publicados em revistas ilustradas circulantes à época, a Revista da Semana e Fon Fon.

As revistas ilustradas selecionadas para estudo se justificam, primeiramente, na sondagem realizada pela pesquisadora Ana Maria de Souza Mauad-Andrade, durante o processo de construção de sua tese de doutoramento (1991), que teve como resultado quatro revistas como as mais requisitadas, entre elas a Revista da Semana e a Fon Fon.

A segunda justificativa se apóia no sentido da Revista da Semana ser a pioneira na publicação de fotografias (SODRÉ, 1999, p. 301), e a Revista Fon Fon se deu pelo fato dela ter sido a melhor revista ilustrada do Brasil. Além disso, esta última, afirma-se que era a revista mais popular e de maior circulação naquela época (MAUAD-ANDRADE, 1991, p.13).

As imagens veiculadas na Revista da Semana e Fon Fon, presentes nos textos escritos e imagéticos, foram consideradas fac-símile - imagens já impressas em algum meio de comunicação (PORTO, 2009, p. 12).

Os fac-símiles, no dicionário, tem como significado “fazer semelhança”, cópia exata de documento impresso, livro manuscrito, ilustração obtida por meio fotomecânico, eletrônico, eletrostático. Do latim “fazer semelhança” (HOLANDA, 2000, p. 871)

A crescente utilização de imagens como documentos iconográficos para a história, verificada nos últimos anos, é decorrente de uma profunda reformulação nos paradigmas, objetos e métodos das ciências humanas a partir da segunda metade do século XX.

A influência da *École des Annales* e o surgimento de questionamentos relativos ao estatuto da história, como forma de conhecimento, fizeram com que os historiadores ampliassem, consideravelmente, seus interesses e abordagens, produzindo ou descobrindo novos objetos, entre eles: o corpo, o cotidiano, as mentalidades e a cultura material, ao lado da manutenção das antigas referências ao político e às estruturas econômicas e sociais (ZANCHETTA JUNIOR, 2004, p. 52)

Os documentos tradicionais de pesquisa revelaram-se insuficientes para dar conta dos temas que passaram a integrar o novo campo de trabalho do historiador. Para tanto, outros tipos de documentos foram incorporados a esse universo, entre eles a produção literária, os depoimentos orais e as imagens (ZANCHETTA JUNIOR, 2004, p. 67).

Essa renovação na história compreendeu, também, uma abertura conceitual e metodológica. Neste sentido, isto a aproximou das outras ciências humanas e estabeleceu diálogo fundamental para a interpretação desses documentos, até então, pouco convencionais no ofício do pesquisador em história, acarretando uma transdisciplinaridade, que marcou e enriqueceu a

produção nessa área, principalmente, a partir da década de 1980 (MAUAD, 2004, p. 39)

Meneses (2003, p.12) aponta que, ao se aproximar do campo visual o historiador reteve, em alguns momentos, exclusivamente a imagem – transformada em fonte de informação –, ignorando o potencial da visualidade como uma dimensão importante da vida social e dos processos sociais. Para ele, diferentemente da história da arte, antropologia e sociologia, a história como disciplina continuaria à margem dos esforços realizados no campo das demais ciências humanas e sociais, no que se refere não só às fontes visuais como também à problemática básica da visualidade.

Sendo assim, enquanto as demais disciplinas desenvolveram uma tradição de uso documental da imagem, a partir do reconhecimento de seu potencial cognitivo, a história continuou a privilegiar a função da imagem com a qual ela penetrou suas fronteiras no final do século XX: o uso como ilustração (MAUAD, 2004)

Essa tendência – da imagem como ilustração – torna-se mais forte, ainda, em relação às imagens fotográficas, em virtude de sua natureza mecânica e referencial. Por apresentar características como rapidez, exatidão e reprodutibilidade, a fotografia suscitou a crença de que seria uma técnica exata de reprodução do real. Essa ideia de “duplicação do real” enfatizou o caráter objetivo da imagem fotográfica, encarada como o processo mais fiel e imparcial de representação da realidade, acompanhando seus usos em diversas áreas do conhecimento científico, inclusive na história durante muito tempo (MELLO, 2007, p.10-11; LACERDA, MELLO, 2003, p. 540-541).

Os documentos utilizados no estudo são oriundos do acervo particular do coordenador do projeto matriz, Dr. Fernando Porto, denominado “Imagem Pública da Enfermeira Brasileira (1916-1931)”, advindos da busca na Biblioteca Nacional e Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

As buscas das imagens nas Revistas da Semana e Fon Fon constituíram o corpus do estudo no total de 188 imagens. Na Revista da Semana foram identificadas 147 imagens, com presença de Enfermeiras ou nelas inspiradas, propagandas, personalidades militares, civis, políticas e religiosas, as quais deram origem a tabela de número um.

Tabela nº. 01 – As imagens veiculadas na Revista da Semana no período da I Guerra Mundial (1914-1918).

Ano	Frequência das imagens	%
1914	11	7,80%
1915	45	31,92%
1916	20	14,18%
1917	54	38,30%
1918	11	7,80%
Total	141	100%

Fonte: Instrumento de Pesquisa

Na Revista Fon Fon foram identificadas 47 imagens, com presença de Enfermeiras ou nelas inspiradas, propagandas, personalidades militares, civis, políticas, nobreza e religiosas, dentre elas, figuras internacionais. A organização destas imagens deram origem a tabela de número dois.

Tabela nº. 02 – As imagens ilustradas na Revista Fon Fon no período da I Guerra Mundial (1914-1918).

Ano	Frequência das imagens	%
1914	--	--
1915	--	--
1916	16	34,04%
1917	20	42,55%
1918	11	23,41%
Total	47	100%

Fonte: Instrumento de Pesquisa

As tabelas acima, as de número um e dois, evidenciaram a frequência de imagens nas Revistas da Semana e Fon Fon. Ressalta-se que o período que contabilizou quantidade percentual maior foi de 1917 (74: 39,36%), o que justifica com a inserção do Brasil no contexto da I Guerra Mundial.

A guerra é de importância vital para uma nação, sendo considerada uma questão de vida ou morte, ou seja, um caminho tanto para segurança, como para ruína, que não deve ser negligenciada (TZU, 2000, p. 17). Esta assertiva se torna relevante, pois justifica o registro da imprensa escrita e ilustrada, por meio de imagens e textos, os fatos da guerra e da sociedade que nela vivenciava.

Mediante o *corpus* do estudo, do total de 188 imagens veiculadas nas Revistas da Semana e Fon Fon, identificou-se a necessidade da delimitação do *corpus* do estudo.

Para tanto, se utilizou como critério: fotografias de alunas de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, veiculadas na imprensa ilustrada

com cenário imagético no Rio de Janeiro, que totalizaram seis imagens, correspondendo a 12,76% do *corpus* do estudo.

Com base nesta delimitação, a tabela de número três foi elaborada, sendo a mesma composta: data, nome da revista, título da matéria e representações objetais ostentadas nos corpos das Enfermeiras.

Tabela nº. 03 - As imagens de seleção pelo *corpus* do estudo – Revista da Semana e Fon Fon

Data	Nome da Revista	Título da matéria	Representações Objetais
11/03/1917	Revista da Semana	Festa da Cruz Vermelha no Skating do Leme	Uniforme: mangas, gola, véu e símbolo da cruz, sapatos
28/07/1917	Revista da Semana	A Festa da Cruz Vermelha Brasileira e a Associação Protetora das Crianças Pobres, na Praça da República	Uniforme: véu, símbolo da cruz, mangas, gola, sapatos
20/03/1917	Revista Fon Fon	Cruz Vermelha Brasileira – Entrega de Certificados	Uniforme: vestido, véu, gorro e símbolo da cruz
07/12/1917	Revista Fon Fon	Inauguração do quadro a óleo do general Thaumaturgo de Azevedo (chegada do general)	Uniforme: mangas, gola, avental, véu, símbolo da cruz;
07/12/1917	Revista Fon Fon	Inauguração do quadro a óleo do general Thaumaturgo de Azevedo	Uniforme: vestido, gola, véu, e símbolo da cruz
08/06/1918	Revista da Semana	Revista da Semana – capa	Uniforme: véu, símbolo da cruz, gola, mangas

Fonte: Instrumento da Pesquisa.

A delimitação do *corpus* do estudo foi submetida a uma matriz de análise para imagens com base teórica na semiótica dos conceitos de plano de expressão e conteúdo.

[Plano de expressão é] *a manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético* [e o plano de conteúdo se refere] *ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz* (PIETROFORTE, 2004, p.11).

Cabe destacar que os fundamentos da presente matriz já foram testados em outros estudos, dentre eles: “*A câmera discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938)*” de autoria Tânia Cristina Franco Santos (1998), *O Mundo do trabalho em Imagens: a fotografia como fonte histórica*, de Maria Ciavatta (2002), “*Enfermeira Brasileira na Mira do click fotográfico (1919-1925)*” de Fernando Porto (2007), “*As Enfermeiras Visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública no início do século XX*” de Lillian Fernandes Arial Ayres (2010) “*Fatos e Fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola: A Imagem Pública da Enfermeira (1918)*” de Amanda Coury (2010).

A matriz de análise é composta de quatro itens principais. O primeiro com os dados de identificação das fotografias, o segundo sobre o plano de expressão, o terceiro destinado ao plano de conteúdo e o último com dados complementares obtidos de outras imagens (ANEXO A)

A primeira parte da matriz se destina à identificação. A segunda parte se destina ao registro dos dados do plano de expressão constituída de:

- **Registro de crédito da imagem:** autoria;
- A relação de texto com a **imagem**, tratada aqui como fotorreportagem; aquela constituída, exclusivamente, por fotografias com legendas, sem qualquer bloco de texto de apoio ou contextualização, com imagens

seqüenciadas ou não; e o fotojornalismo, imagens acompanhadas de textos para que o todo se aproxime da reprodução do real;

- A **legenda** como “*um texto que identifica personagens e/ou cena na foto jornalística ou ilustração, tabelas, gráficos, mapas, etc, se necessário*”, considerada também como texto-legenda, sendo de “*texto curto e sempre editado com uma foto*”. Os formatos podem variar entre uma linha conclusiva ou em média de três a cinco linhas, sem parágrafo e, em geral, acompanhada de um título que reproduz um pormenor da matéria que a sintetiza (MARQUES, 2003). Desta forma, a legenda tem por função ativar o leitor a ter conhecimentos correlatos à imagem mostrada, sendo considerada um gatilho mental para se fazer a leitura fotográfica. Supre o leitor de informações não contidas ou não evidentes na imagem, pois é um convite para se explorar melhor a imagem e descobrir os significados menos evidentes, mas nem por isso menos importantes (GURAN, 1999);
- **Resumo do texto**, que por ventura acompanha a fotografia;
- **Tipo da fotografia**: classificadas quanto ao tipo como **posadas** ou **instantâneas**. A foto classificada como instantânea passou a ser utilizada em meados da década de 1920. A inovação foi introduzida Dr Erich Salomon³, que passou a fotografar pessoas sem que elas percebessem, denominando a técnica de “o instantâneo”. A prática de foto espontânea ou foto sincera, que mais tarde passaria a ser a base do fotojornalismo, libertando a fotografia, até então restrita à foto posada, permite visualização diferenciada e dá à técnica fotográfica a função de representar a realidade (GURAN, 1999);

³ Fotógrafo alemão, considerado por Gisele Freund (1876) como o primeiro a fotografar as pessoas sem que elas percebessem (GURAN, 1999).

- **Formato da fotografia:** retangular, quadrada, ovalada e outras;
- **Plano fotográfico** classificado em: plano geral, quando retrata ambientes amplos, geralmente, em exterior; plano conjunto, destinado às pessoas quando elas não são os objetos centrais da foto; plano central, quando as pessoas são o plano central da foto; plano americano, é o plano no qual as pessoas são retratadas da cintura para cima; primeiro plano, conhecido como *close* de pessoas ou objetos; e o plano detalhe, variante do primeiro em sua máxima representação⁴ (CIAVATTA, 2002);
- **Sentido Fotográfico:** se a fotografia encontra-se no sentido vertical ou horizontal em referência à página;

A terceira parte da matriz para análise fotográfica dos dados do plano de conteúdo tem a seguinte constituição:

- **O local retratado:** é o cenário da imagem.
- **Fundo retratado:** natural ou artificial e interno ou externo;
- **Pessoas retratadas:** quem são as pessoas, se na imagem elas estão em grupo, ou individualmente (masculino, feminino ou misto);
- **Tema da imagem retratada:** refere-se ao evento (o tipo de evento: social, político, religioso ou institucional);
- **Descrição dos atributos pessoais:** indumentárias pessoais, vestimentas e gestos e atitudes comportamentais; e
- **Descrição dos atributos de paisagem:** os objetos retratados na imagem.

A quarta parte da matriz refere-se aos dados complementares, obtidos de outra imagem, seja ela avulsa ou já publicada na imprensa.

⁴ Os itens apresentados para o plano foram utilizados por Ciavatta (2002), segundo a dissertação de mestrado, defendida na UNICAMP, intitulada “Do reflexo à mediação: Um estudo da expressão fotográfica e da obra de Augusto Malta”, do autor Antonio de Oliveira Júnior (1994).

Este recurso foi utilizado para compensar a pouca nitidez das imagens analisadas e captar melhor a mensagem do texto imagético. Leite (1993, p. 25), alerta que a leitura repetida de imagens do mesmo tipo e conteúdo deve ser cercada de cuidados, pois a saciedade da percepção pode cegar o pesquisador quanto ao conteúdo imagético na produção de conhecimento. A leitura deve ser feita a partir da interpretação da imagem, pois ela (a leitura imagética) seguramente amplia o conhecimento de mensagens anteriores, mas também pode conduzir a uma leitura equivocada.

Os documentos escritos foram localizados por meio da busca nos acervos da Escola de Enfermagem Anna Nery, no Acervo Enfermeira Maria de Castro Phamphiro, situado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO, Bibliotecas Nacional, da Cruz Vermelha Brasileira, do Ministério da Educação.

A busca das fontes documentais para o estudo foram na Biblioteca Setorial da UNIRIO – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO, Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO.

Os documentos escritos foram utilizados nos contextos da história do Brasil, da imprensa, da mulher e da enfermagem oriundas de livros, artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado de aproximação com o objeto de estudo.

Para a convergência/divergência dos dados, foi utilizada a Técnica de Triangulação dos Dados. Esta técnica possibilita abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão, considerando que sustenta a impossibilidade de conceder a existência isolada de um fenômeno social, sem

raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com macrorrealidade social (TRIVINOS, 1994, p. 91).

A técnica de triangulação é entendida como um processo que visou garantir confiabilidade aos dados coletados, por meio de uma combinação de procedimentos ou metodologias no estudo do mesmo fenômeno, sendo usados vários pontos de referências para determinar características do objeto de estudo com maior confiabilidade.

Desta forma, buscou-se maior precisão pela busca de diferentes tipos de dados, ou em diferentes documentos, relacionados ao mesmo fenômeno. Além disto, possibilitou oferecer credibilidade dos resultados e conclusões, ao transmitir confiança dos dados na perspectiva específica para o estudo, bem como potencializou a probabilidade das descobertas realizadas durante a pesquisa, sendo necessário à utilização de múltiplos referentes para a qual, se pôde, ao final dos dados, analisados ter-se a conclusão acerca daquilo que se constitui em afirmativa momentânea (PORTO, 2006, p.26).

Mediante a triangulação dos dados, estudos foram associados ao contexto histórico à época e ao referencial teórico para a produção do conhecimento em História da Enfermagem Brasileira.

Após aplicação da matriz de análise, os resultados foram balizados pela contextualização à época, triangulação das fontes, teorização dos achados pelas noções do sociólogo francês Pierre Bourdieu, tais como: crença e círculo da crença simbólica; *habitus*; capital cultural; dominação masculina; representação objetal; *hexis* corporal.

A validação dos resultados sucedeu-se por meio da apresentação dos resultados parciais durante as reuniões, com os pares de pesquisadores na

história da Enfermagem, no grupo de pesquisa denominado LAPHE e LACENF, localizada à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, UNIRIO; apresentação em eventos científicos.

ASPECTOS LEGAIS

Os aspectos éticos da pesquisa referentes aos documentos imagéticos analisados respeitaram o que se refere a Lei número 9.610/1998 quanto a autorização, atualização e consolidação da legislação sobre direitos autorais e outras providências. Neste sentido, o capítulo III dos direitos autorais do autor e sua duração segundo os artigos:

Artigo 43 – Será de setenta anos o prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre as obras anônimas ou pseudônimas, contado de primeiro de janeiro do ano imediatamente posterior no caput deste artigo.

Artigo 44 – O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de primeiro de janeiro subsequente ao de sua divulgação.

Ademais, respeitei o que se refere a mesma lei no capítulo IV das limitações aos direitos autorais, sobre o que menciona o artigo:

Artigo 46 Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I I- Reprodução:

II a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos; (...)

III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra.

Elucidado o exposto, sobre os aspectos legais, o estudo não feriu os princípios da Resolução de número 196/1996.

- CAPÍTULO 1 -

CRUZ VERMELHA

Introdução

O presente capítulo objetiva descrever, analiticamente, o movimento da criação da Cruz Vermelha e seu desdobramento nas Américas, por meio dos elementos simbólicos Institucionais, como subsídio para a construção da imagem da Enfermeira.

Para tanto, o capítulo articula a trajetória da criação da Cruz Vermelha nas Américas com ecos no Brasil no século XIX e a criação da Cruz Vermelha Brasileira em 1908, no Rio de Janeiro, à época Distrito Federal, como Órgão Central, sendo a décima primeira Sociedade nas Américas.

Nesta trajetória de criação e movimentação pela internacionalização da Sociedade da Cruz Vermelha, alguns elementos simbólicos foram utilizados e decodificados como assinatura imagética da Instituição.

Movimento da Cruz Vermelha nas Américas

A partir da Convenção de Genebra, em 1864, criou-se a Cruz Vermelha Internacional, definida pelo conjunto de organizações de países, centradas nas Sociedades da Cruz Vermelha (HISTÓRICO DO MOVIMENTO INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, s/d, 02).

Para tanto, vale destacar que, em 1862 com a publicação da obra de autoria de Jean Henry Dunant intitulada “*Un Souvenir de Solferino*”⁵, ele descreveu os acontecimentos e socorros prestados na Batalha de Solferino. Além disso, o livro serviu como meio propulsor das bases dessa instituição, que

⁵ Tradução francês - “Uma Recordação de Solferino”.

nasceria balizada na permanência de mitigar os horrores da guerra, na mobilização e organização do voluntariado para assistência aos feridos de guerra e nas calamidades (PAIXÃO, 1969, p. 17).

Ressalta-se que, em 1863, a Instituição tinha o Comitê Internacional, para ajudar aos militares feridos em guerra. Um ano depois ocorreu a I Conferência Internacional da Cruz Vermelha, que reuniu diversos países europeus com a finalidade de ratificar a criação dessa instituição e, em 1876, criou-se o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (PAIXÃO, 1969, 40; COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 2009, 02).

O movimento de internacionalização da Cruz Vermelha chegou às Américas, em especial no Peru, em 1879. Neste ano, o espectro da guerra Peru e Chile passou pelas ruas de Lima. Os jornais “La Patria”, “Opinión Nacional” e o “El Comercio” anunciaram iminente confronto (PORTO, 2009, p. 48).

Em seguida outras criações da Cruz Vermelha ocorreram no continente americano, tais como: Argentina (1880), Estados Unidos da América (1882), El Salvador (1885), Costa Rica (1885), Venezuela (1895), Canadá (1896), Uruguai (1897), Chile (1903), México (1907), e no Brasil (1908) (PORTO, 2009, p. 50).

Destaca-se que as Sociedades da Cruz Vermelha criadas nas Américas, no século XIX, ocorreram mediante contexto de guerra ou sua ameaça, como se deu no caso do Peru, Estados Unidos, El Salvador, Costa Rica e a Argentina, justificada pela mobilização em virtude das possíveis perdas humanas e a proliferação de doenças. As Sociedades criadas no século XX foram impulsionadas no sentido de ajudar aos países em tempo de paz, como

obra benemérita devida sua à importância para cada um deles (PORTO, 2009, p. 50).

Nesta perspectiva, pode-se relatar que, quando em 1859, Jean Henry Dunant, ao idealizar uma sociedade que perante conflitos bélicos, a Instituição se fez presente nos cuidados aos enfermos, a ideia se propagou pelo mundo, em especial, neste estudo, no Brasil.

Deve-se salientar, seguindo esta ótica, que nos relatos do Histórico da Cruz Vermelha Brasileira a Instituição mesmo fora do escopo de sua atuação nos períodos bélicos, a idéia de organização por uma Cruz Vermelha se fazia presente em virtude das possibilidades dos males que poderiam assolar a humanidade em tempos de paz (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 13).

Exemplo, do exposto acima, foi o caso da Colômbia, que teve sua origem a partir de um grupo de senhoras da sociedade de Bogotá mediante o desejo de colaborarem, de forma voluntária, com a Instituição do primeiro Centro de Saúde no país (PORTO, 2009, ANEXOS).

Em síntese, as Sociedades da Cruz Vermelha, em especial, nas Américas, ao demonstrarem a criação Institucional incendeiam a importância dos seus ideais para que fossem em tempos de guerra e paz.

A Criação da Cruz Vermelha Brasileira no Rio de Janeiro

No Brasil, a Cruz Vermelha foi criada, em 5 de dezembro de 1908, por meio de uma reunião de civis, militares, médicos, políticos e damas da sociedade para discussão e aprovação do Estatuto da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira, sob a égide da iminência da I Guerra Mundial e pela

perspectiva de cooperação do Exército na Europa (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 13).

Nessa reunião também ficou definido a primeira diretoria, sendo o General Dr. Thaumaturgo de Azevedo - o presidente⁶, o Contra-Almirante Antonio Alves Câmara - o primeiro vice-presidente, Dr. Joaquim Botelho – o secretário geral, Dr. Carlos de Novaes – o primeiro secretário, Dr. José Carlos Rodrigues – o primeiro tesoureiro, e o Dr. Guedes de Mello - o primeiro procurador⁷ (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 18).

Ressalta-se que a ideia da criação da Cruz Vermelha Brasileira circulava entre os personagens da elite e intelectuais no século XIX, ao pensar que, em 1893, Joaquim Nabuco em um discurso na quermesse organizada pela Comissão Central da Cruz Vermelha, intitulado “A favor dos feridos da Guerra Civil do Rio Grande do Sul”, discursou a favor dos feridos no campo de batalha (NABUCO, 1893, p. 11-12).

Esse discurso contém doze páginas com exposições e argumentos políticos em defesa ao regime monárquico, buscando mostrar a quem ouvia a real situação da Guerra Civil no Rio Grande do Sul. Para finalizar, Nabuco relatou que, o símbolo da Cruz Vermelha associado aos combates sanguinolentos e ao cristianismo, faz emergir a idéia da Cruz Vermelha

⁶ Em uma diretoria provisória, o presidente da Cruz Vermelha Brasileira foi o Dr. Oswaldo Cruz, entretanto, em um discurso do Sr. General Thaumaturgo de Azevedo, em virtude das múltiplas ocupações do Dr. Oswaldo Cruz com a saúde pública, ele deixou o cargo que passou a ser ocupado pelo general, que imediatamente reuni a diretoria, reforma os estatutos e realiza a fundação imediata da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 17).

⁷ Existia também na diretoria o segundo vice-presidente, o senador Dr. Feliciano Penna, o terceiro vice-presidente, o deputado Contra-Almirante Carlos de Carvalho, o quarto vice-presidente, o Dr. Viveiros de Castro, o quinto vice-presidente, o desembargador Dr. Ataulpho de Paiva, como também um segundo secretário, Cel. Dr. Affonso Faustino, terceiro secretário era o Dr. José Arthur Boiteux. Haviam também o segundo tesoureiro, Major Dr. Moreira Guimarães, como o segundo procurador Dr. Oscar Várady e o terceiro procurador Dr. Joaquim Saldanha. (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 19).

associada à representação da necessidade de cuidados com os feridos de guerra.

Porto (2009, p. 51-52) ao estudar o discurso de Nabuco articulado ao contexto à época, especulou a idéia de criação da Cruz Vermelha no Brasil, ventilada pelos intelectuais e elite, em virtude do movimento político pós-abolição da escravatura (1888) e diversas situações de insatisfação com o regime político que o país se encontrava, mediante aos fatos históricos, a criação de uma sociedade não se tornava prioridade para àquele momento.

Esta especulação foi fundamentada pelo próprio contexto de criação de outras Sociedades da Cruz Vermelha, pois muitas foram criadas em circunstâncias de conflitos bélicos (PORTO, 2009, p. 52). Depreende-se que a criação da Cruz Vermelha no Brasil careceu de seu surgimento no final do século XIX pelos motivos expostos, sendo fundada em 1908.

Isto reforça o entendimento que a sociedade almejava a Cruz Vermelha no Brasil, quando se encontrava nos *fronts* de batalha, como, por exemplo, citado no discurso de Nabuco (1893), que se entendeu como a intenção, não materializada, na Guerra dos Farrapos e como precaução pela iminência da I Guerra Mundial.

A I Guerra Mundial tem seu início a partir dos assassinatos de Francisco Ferdinando e sua esposa, em visita a Sarajevo, em vinte e oito de junho de 1914. À época três eram os impérios que dominavam o território europeu: o Alemão, o Austro-Húngaro e o Russo. A Bósnia Hezergovina, como capital de Sarajevo, foi tomada em 1908 pelo império Austro-Húngaro, que governava com muita rispidez. Mesmo assim, Bósnia tinha mais lealdade ao

reino independente da Sérvia do que a este império, fazendo com que a Sérvia se tornasse um país que incomodava. (FIGUEIRA, 2005, p. 31)

Na virada de julho para agosto de 1914, os exércitos alemães rumaram para o norte, e assim, invadiram a Bélgica, país neutro, mas excelente atalho geográfico para a França, começando ali, os primeiros ataques da I Guerra Mundial (GARAMBONE, 2003, p. 32).

Cabe destacar, que no período inicial da I Guerra Mundial, ocorreu o Curso de Enfermeira Voluntária (1914) e dois anos após a criação do Curso de Enfermeira Profissional, levando a materialização da Escola de Enfermeiras Práticas da Cruz Vermelha Brasileira - Órgão Central -, considerando que na cidade de São Paulo, a médica Maria Renotte já teria criado o Curso de Enfermeira da Cruz Vermelha – Filial São Paulo (1912). (MOTT, 2000, p. 43-45)

Para esse contexto de guerra, ficaram delimitadas as duas alianças feitas entre os países rivais, formando a Tríplice Aliança composta por Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália, e este último, em 1915, passou para a outra aliança de países, ou seja, para a Tríplice Entente que era composta por Inglaterra, França e o Império Russo, apoiada desde o início pelos Estados Unidos (FIGUEIRA, 2005, p. 27).

O Brasil entrou na I Guerra Mundial (1917) aliado aos Estados Unidos, com a justificativa de uma série de afundamentos de submarinos brasileiros pelos alemães. A opção do Brasil em apoiar os opositores à Alemanha foi considerada um ato diplomático corajoso, mas com visão consciente nos lucros políticos que iriam ter como vantagem, já que se tratava de um país jovem sem tradição bélica (PORTO, 2006, p. 92, GARAMBONE, 2003, p. 48).

Com a eclosão da I Guerra Mundial, a economia brasileira que estava voltada para o mercado externo, sofreu imediatamente suas consequências em virtude da desorganização do mercado internacional, trazendo novas dificuldades, por exemplo, para a exportação do café (SILVA, 2005, p. 60).

Durante a I Guerra Mundial, a Cruz Vermelha atuou de forma significativa, sendo entendida pelo Comitê Internacional da Instituição como prova de fogo, cumprindo o seu papel no sentido de aliviar o sofrimento causado pelo conflito. À época não havia, ainda, um conjunto coerente de Princípios, sendo considerados compromissos pragmáticos entre a ação humanitária e a realidade da guerra, o qual estimulava certo estabelecimento gradual de uma doutrina para se ter regras previsíveis em situações distintas, mas semelhantes (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, s/d, p. 03 e 14).

Para este momento entendeu-se que a criação da Cruz Vermelha Brasileira pode ter sido veiculada, anteriormente, ao ano de 1908, momento em que o Brasil tinha em seu cenário a Guerra dos Farrapos (1893). A criação desta Instituição, também, foi entendida no sentido de precaução pela iminência da I Guerra Mundial, que viria a abalar a estrutura econômica do país e a necessidade de atendimentos aos acometidos no *front*.

Elementos Simbólicos da Cruz Vermelha

A Cruz Vermelha foi erguida sob o símbolo da cruz na cor vermelha sobre o fundo branco para se encontrar e se estabelecer nos espaços sociais que pretendesse, os quais essa instituição consegue, até hoje, ser identificada

pela sociedade, entendida como assinatura imagética (PORTO E SANTOS, 2007, p. 50).

Para Santos (s/d), Jean Henry Dunant era conhecido como o homem de branco, em virtude do traje que ostentava na prestação de socorro aos feridos de Solferino, citado pelo Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923, p. 08) por Charles Dickens⁸, como “o homem de branco”, bem como ao sair de Genebra, em direção a Solferino, ostentava um elegante terno na cor branca estilo tropical (MASSON, 1985, p. 79).

As cores na cultura ocidental podem ter alguns significados ao provocarem lembranças e sensações às pessoas. A cor branca transmite pureza, inocência, reverência, paz, simplicidade, além de limpeza (MANGUEL, 2006, p. 42).

A cor branca no verão ajuda à pessoa que a traja em suas vestes a não absorver o calor, e sim a refleti-lo, trazendo conforto ao corpo, e pode fazer coligir também a ideia de preferência pela cor em virtude das condições climáticas da época (MANGUEL, 2006, p. 42).

A representação objetal no vestuário de cor branca de Dunant, pode ser entendida pela noção de *habitus*, como um incorporamento daqueles que cuidavam dos feridos da Batalha de Solferino. Dito de outra maneira, os que assistiam aos feridos trajavam vestes na cor branca, que pode ser traduzida como prática de higiene.

⁸ Charles Dickens foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. De família com recursos financeiros consideráveis, se viu em falência e com o pai preso quando apenas tinha dez anos. Continuou a ler, e foi educado pela mãe de forma rigorosa. Se torna um dos literatos que, juntamente com Vitor Hugo, Ernest Renan, Emile Girardin, deram apoio à Dunant na organização de uma Comissão Internacional, com vistas a criação da Cruz Vermelha Internacional em 1864. (PORTO, 2009)

Este entendimento no sentido da cor branca pode ser direcionada a estação climática à época na Europa, bem como o *habitus* adotado por ele, que mais tarde seria incorporada, talvez, como revitalização em homenagem a sua memória, nos uniformes das Enfermeiras.

O elemento simbólico mais marcante da inculcação da Cruz Vermelha é a bandeira, composta de uma cruz simétrica na cor vermelha em fundo branco, que representa a ação Institucional no campo da saúde, como também por meio do significado de neutralidade nos espaços de conflitos bélicos.

A bandeira é integrante de um conjunto de rituais para despertar o sentimento patriótico em certas datas. São marcadas por cerimônias, por meio de rituais desenvolvidos para estas ocasiões, sendo de caráter ideológico das tradições inventadas. Ela pode ter a função de estabelecer ou simbolizar a coesão social ou a admissão de um grupo ou comunidades reais ou artificiais, ou, ainda, por estabelecer ou legitimar instituições, *status* ou relações de autoridade. A existência se dá pelo propósito principal em socializar, inculcar ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (HOBSBAWN, RANGER, 1997).

A bandeira criada na Conferência Internacional da Cruz Vermelha (1864), foi proposta como emblema da Cruz Vermelha. Esta representação objetual é uma inversão da bandeira da Suíça, que é na cor vermelha com a cruz branca ao fundo (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 06).

Nesta Conferência se registrou no artigo 7º que, a bandeira com o símbolo da cruz na cor vermelha em fundo branco seria uma das formas de distinção, que também deveria ser ostentado nos uniformes adotados para os hospitais, as ambulâncias e evacuações, bem como seria permitido o uso do

braçal com o símbolo respectivo da Instituição (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 06).

No percurso histórico das bandeiras, principalmente, àquelas nas cores branca e vermelha com o símbolo da cruz, *nexus* podem ser encontrados. Por exemplo, na época do Sacro Império Romano-Germânico, a bandeira era composta do símbolo da cruz na cor branca em fundo vermelho. O significado desta bandeira para àquela população era de liberdade e honra (LEITÃO, 2009) (figura nº. 01).

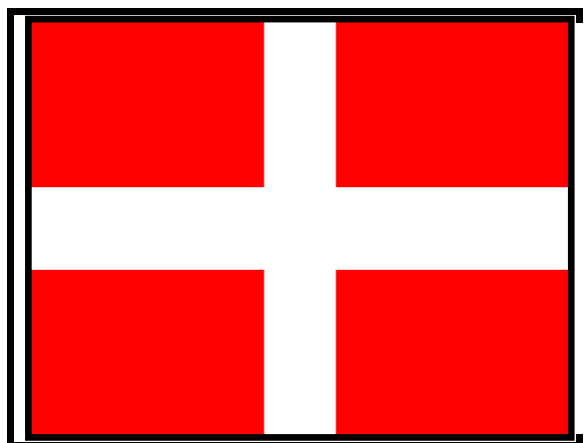


Figura nº. 01 - Bandeira do Sacro Império Romano-Germânico

A bandeira da Cruz Vermelha deixa transparecer vestígios da bandeira do Sacro Império Romano-Germânico. Este império foi à união de territórios da Europa Central durante a Idade Média, durante toda a Idade Moderna e o início da Idade Contemporânea sob a autoridade do primeiro Sacro Imperador Romano-Germânico - Carlos Magno – coroado em dezembro de 800, apesar da linha contínua de imperadores ter começado, apenas, com Oto o Grande em 962 (LEITÃO, 2009, p.02).

Leitão (2009, p. 03) relata que o último Imperador do Sacro Império Romano-Germânico foi Francisco II, que abdicou e dissolveu o Império em 1806, durante as Guerras Napoleônicas. Este fato histórico levou a Suíça, que se localizava nesse espaço territorial a tornar-se uma nação, como resquício de herança, teve sua bandeira, ajustada no tamanho da cruz e na inversão das cores. Ao herdar a bandeira, ou indícios de uma bandeira similar a do Sacro Império Romano-Germânico, a Suíça herdou também seus significados à nova nação, liberdade e honra representada pelas cores branca e vermelha (figura nº. 02.).

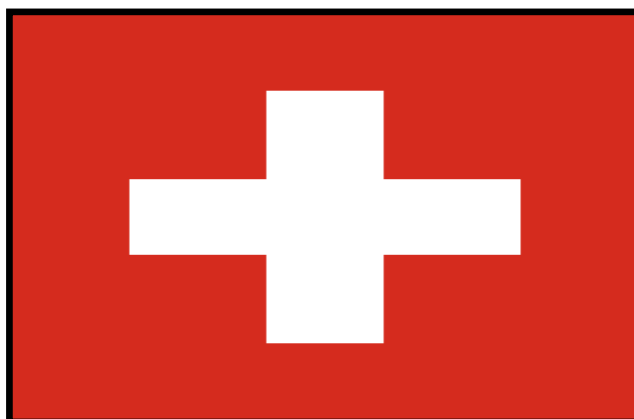


Figura nº.02 – Bandeira da Suíça

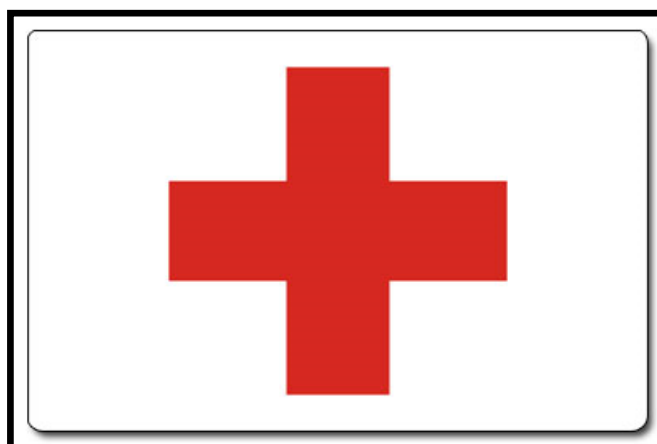


Figura nº.03 – Bandeira da Cruz Vermelha

Ao articular a bandeira herdada pela Suíça do Sacro Império Romano-Germânico com a da Cruz Vermelha (figura nº. 03.), é possível se inferir que, esta também, direta ou indiretamente, herdou de forma simbólica os elementos que as compõe, independente do significado atribuído.

A cor branca de fundo da bandeira da Cruz Vermelha pode significar, apesar da polissemia, a paz. Esta cor articulada à representação do símbolo da cruz na cor vermelha possibilita a interpretação da urgência pela paz, frente ao sangue derramado dos feridos em combate ou, também, daqueles que sofrem nas calamidades e, ainda, o apelo no atendimento à saúde aos necessitados.

Por outro lado, a cruz é uma representação simbólica do cristianismo, por meio da significação de Jesus Cristo crucificado, e se trata de um código de poder. Peter Maclaren elucida que, a cruz é um elemento simbólico, podendo significar que, “aquele que o usa é católico” (MACLAREN, 1991, p. 242).

Michel Zwerdling cita que o símbolo da cruz significa compaixão, que em suas palavras:

All nurse images have a symbolic component, because the nurse is of symbol de compassion. In fact, compassion is so associated with the nursing profession that the nurse is the only wide-spread secular symbol of it. Compassion, as activity or state of mind, is embraced and taught by all major religions⁹” (ZWERDLING, 2003, p. 05).

O excerto acima conduz a decodificação, mais uma vez no sentido polissêmico do significado da cruz, articular signo e símbolo. O símbolo representa alguma outra coisa, ou seja, indica ou identifica algo percebido ou

⁹ Tradução aproximada: “A imagem da enfermagem tem um componente simbólico, por que a enfermagem é o símbolo da compaixão. Na realidade, compaixão está tão associada ao profissional de enfermagem que para a mesma não existe melhor representação. Compaixão, como energia ou estado da mente, é aceito e ensinado pela maioria das religiões”.

concebido. Neste sentido, o símbolo no início representa algo diferente dele próprio, mas pelo uso constante e habitual, perde seu caráter representativo e se transforma num signo que apenas faz referência. O signo identifica ou indica algo. Ele pode ser definido como o símbolo por resultar de uma degeneração do símbolo original. De um modo geral, o signo é conscientemente apreendido e usado, enquanto, o símbolo é total ou parcialmente inconsciente (SILVA NETO, 2008, p. 57).

Depreende-se que o símbolo da cruz transmite significado de poder, seja no sentido religioso e/ou de compaixão. Ademais, articulado a inversão das cores da bandeira da Suíça para materializar a representação objetual da Cruz Vermelha, entende-se ser a bandeira da Instituição uma das maneiras de se assinar imagetivamente o nome da Cruz Vermelha.

A bandeira, o hino, e as armas nacionais são símbolos por meio dos quais, um país veicula a sua independência, identidade e soberania. Nesta perspectiva, os símbolos traduzem autoridade e fidelidade à cultura de uma nação (HOBSBAWM, RANGER, 2008, p. 19).

A bandeira, símbolo utilizado pela Cruz Vermelha, foi utilizada como assinatura imagética e como representação simbólica de comunicação visual desta Instituição. Como assinatura imagética, esta funciona com identidade visual Institucional (PORTO E SANTOS, 2008, p. 164) e como representação simbólica de comunicação visual, se refere a um instrumento de integração social, por meio da lógica e da sua condição moral (BOURDIEU, 2003, p. 10).

Destaca-se que a palavra falada, no campo de batalha não vai muito longe, o que justificou o uso de gongos e tambores, além das bandeiras e flâmulas. Gongos, tambores, bandeiras, flâmulas são meios que permitem aos

ouvidos e aos olhos da tropa se fixar num determinado ponto (TZU, 2000, p. 46).

A cruz evidenciada na bandeira, por si só, é um símbolo bem anterior ao cristianismo, pois nasceu com a representação de pássaros de asas abertas e depois, estilizada, se tornou o cruzamento de duas retas cujas pontas sofreram livre modificação, em função do que queriam representar (RAMPONI, SANNA, 2006, p. 51-53).

Mediante ao exposto sobre a construção dos significados das cores utilizadas na bandeira da Cruz Vermelha, considerando a explicação do Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923) em homenagem a pátria de Jean Henry Dunant – Suíça –, depreende-se que as cores da bandeira Institucional, também refletem os ideais de voluntariado e cuidados aos mais necessitados, seja em tempos de guerra e paz, principalmente, articulando o significado das duas cores: branco – paz, e vermelha - o sangue derramado nos campos de guerra.

A cruz como símbolo Institucional pode ser entendida como representação objetual referente ao cristianismo, que associando a cor branca é decodificado em paz. Inferi-se, neste sentido, a ideia da religiosidade, e ainda, ao se articular ao primórdio da criação da representação da cruz com um pássaro, que remete a interpretação do significado da pomba da paz.

Destarte, pela trajetória de criação da Cruz Vermelha, por meio do seu movimento de internacionalização, chegando às Américas, em 1879, e, em especial, no Brasil, em 1908, as ideias Institucionais teriam circulado desde o final do século XIX.

A Cruz Vermelha Brasileira quando criada, passou a ser mais um país do continente americano a pertencer àquela Instituição. Neste sentido, com a Cruz Vermelha, no Brasil, a assinatura imagética Institucional também foi divulgada como símbolo de internacionalização praticada pelas ações e ideais estabelecidos em terras brasileiras.

- Capítulo 2-

FORMAÇÃO E IMAGENS MENTAIS DAS ENFERMEIRAS NA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Introdução

O capítulo tem por finalidade analisar o surgimento da formação das Enfermeiras oriundas da Cruz Vermelha Brasileira – Órgão Central.

A Cruz Vermelha Brasileira foi abordada no sentido de produzir atuação na I Guerra Mundial, por meio da criação dos Cursos de Enfermeira Voluntária e Profissional, na Escola Prática de Enfermeiras da Instituição no Rio de Janeiro – Órgão Central, evidenciando o que se encontrava como jogo de interesse.

Neste jogo de interesse a Cruz Vermelha Brasileira ao final da I Guerra Mundial, por ocasião, a Gripe Espanhola, direcionou em optar pelo Curso de Enfermeira Profissional como estratégia de se manter no campo da saúde no sentido de não perder a trajetória de profissionalização da enfermagem.

Mediante ao exposto os dados revelaram interesses, salvo melhor juízo, antes não evidenciado nos estudos no sentido de atender a reprodução da crença simbólica da Instituição, que não poderia ficar em risco pelo poder e prestígio no cenário internacional.

Curso de Enfermeira Voluntária

O Curso de Enfermeira Voluntária começou a funcionar, em 20 de outubro de 1914, com aulas teóricas no salão nobre da sede provisória da Cruz Vermelha Brasileira, e as aulas práticas no Hospital Central do Exército, Policlínica Militar e na Santa Casa de Misericórdia (CRUZ VERMELHA, 1923, p. 25).

Este tinha como objetivo formar Enfermeiras Voluntárias com a finalidade de prestar auxílio aos feridos e doentes em tempo de guerra ou em caso de calamidade nacional. O requisito para a matrícula no curso era ter o título de sócia da Cruz Vermelha Brasileira, devendo a candidata escrever no livro de registros o nome, filiação, idade, naturalidade, estado civil e residência, e caso a candidata fosse menor de 21 anos, apresentar autorização de quem de direito: pai, tutor ou marido (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 175-176).

Estes requisitos se remetem a concepção de *habitus* de Pierre Bourdieu no sentido que é uma maneira de ter e usar de forma adquirida, que não só indica o tempo passado, bem como o esforço e o aprendizado (PINTO, 2000, p. 57).

Mediante esta concepção de *habitus* pode-se depreender que, quando emparelhado com os requisitos para o ingresso como aspirante na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (quadro demonstrativo nº. 01), eles se aproximam no sentido de saberem ler e escrever, e implicitamente, era necessário ser do sexo feminino. Isto conduziu a inserção do feminino no mundo público, porém, cerceado pelo masculino, principalmente, quando menor de 21 anos.

Cabe ressaltar que a condição feminina à época era de cuidadora da família, pautada na mística feminina sob o entendimento que a felicidade pessoal da mulher estava vinculada ao casamento, por meio do qual se consolidava seu *status* social e garantia a sua prosperidade e estabilidade econômica (SAFFIOTI, 1976, p. 33).

Quadro Demonstrativo Nº. 01 – A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e o Curso de Enfermeira Voluntária da Cruz Vermelha Brasileira.

Nome da Instituição de Ensino de Enfermagem	Ano de criação	Requisito para Matrícula
Escola Profissional de Enfermeiras e Enfermeiros	1890	<ul style="list-style-type: none"> • Ter mais de 18 anos; • Saber ler e escrever corretamente e conhecer aritmética elementar; • Apresentar atestado de bons costumes.
Curso de Enfermeira Voluntária	1914	<ul style="list-style-type: none"> • Título de sócia da Cruz Vermelha; • A candidata deve escrever no livro de registros o nome, filiação, idade, naturalidade, estado civil e residência; • Sendo a candidata menor de 21 anos, apresentar autorização de quem de direito, pai, tutor, marido;

Fonte: Estatutos da Escola de Enfermeiras – Programas – Cursos Profissional e das Enfermeiras Voluntárias, Cruz Vermelha Brasileira, Rio de Janeiro, 1918. MOREIRA, A. Profissionalização da Enfermagem Brasileira: O Pioneirismo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890-1920). 2003 Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

A aprovação no Curso de Enfermeira Voluntária se dava pela assiduidade das alunas às aulas, bem como seu desenvolvimento nos procedimentos realizados nas matérias lecionadas pelos professores. Mediante o resultado satisfatório, as alunas obteriam o Certificado de Habilitação de Enfermeira Voluntária da Cruz Vermelha Brasileira, que lhes conferia poder de exercer auxílio aos feridos e doentes, em tempo de guerra ou em caso de calamidade pública (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.175 e 201).

Ressalta-se que para obtenção do Certificado de Habilitação de Enfermeira Voluntária da Cruz Vermelha Brasileira, às aspirantes ao final desta modalidade de Curso deveriam apresentar algumas qualidades.

Entre as qualidades morais indispensáveis a enfermeira, podemos citar como primordiais as seguintes: calma, precisão, atenção, espírito de observação, regularidade, rapidez na execução, paciência, autoridade, atitude

reservada e afetuosa, silêncio e cumprimento do dever profissional (Cruz Vermelha Brasileira, 1923, p. 160).

Estas qualidades eram uma das formas de se avaliar a inculcação do *habitus* para ser uma boa Enfermeira, principalmente, da Cruz Vermelha Brasileira, bem como isto ratificaria a reprodução da crença simbólica a ser discutida em capítulo posterior.

O objetivo Institucional circunscrevia ao atendimento aos acometidos nos conflitos bélicos e nas calamidades públicas, sendo esta uma estratégia de capacitação das mulheres que aspiravam serem Enfermeiras no contexto da I Guerra Mundial e, como tal, atenderem a demanda interna da Cruz Vermelha Brasileira no seu espaço social do cuidar – Dispensário Médico Cirúrgico da Cruz Vermelha Brasileira.

No início da I Guerra Mundial (1914) não foi ao acaso que se deu a criação do Curso de Enfermeira Voluntária. Nesta cronologia do fato histórico, com o passar dos anos e a inserção do Brasil no conflito, a Instituição autorizou a criação¹⁰ de um Comitê das Damas da Cruz Vermelha Brasileira composta pelas damas da sociedade, que tinha por finalidade prestar auxílio, como Enfermeiras Voluntárias, aos feridos e doentes em tempo de guerra ou calamidade pública. (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 25).

A luz de Bourdieu o Comitê de Damas da Cruz Vermelha Brasileira, pode ser entendido, como efeito de comitê. Este tende a monopolizar o poder, que se manifesta pela representatividade do grupo e ratifica as decisões, mas não se pode esquecer que, para o funcionamento do campo, se faz presente o interesse. Este ocorre na medida em que se estimulam as pessoas a concorrer,

¹⁰ 23 de setembro de 1914.

rivalizar e lutar, por meio da noção de estratégia que faz com que o agente social envolvido se comporte de maneira mecânica, sem sequer perceber que sua atitude se predispõe a concepção de ingenuidade ao interesse de funcionamento do campo (BOURDIEU, 2004, p. 127-130 e 204).

A Cruz Vermelha Brasileira ao delegar poder, por meio do Comitê de Damas da Cruz Vermelha Brasileira, criou, também, estratégias de decisões de interesse Institucional para o funcionamento do campo, que se referia, possivelmente, a criação do Curso de Enfermeira Profissional.

Em relevo pode-se citar que, à época, os países envolvidos na I Guerra Mundial encontravam-se com as suas economias fragilizadas e por este motivo a Cruz Vermelha Brasileira identificou nos atributos femininos uma das maneiras de se resguardar da ausência dos homens no mercado de trabalho, em virtude da possibilidade de um contingente masculino significativo que seriam encaminhados para o *front*, cabendo às mulheres, indiretamente, a manutenção financeira do lar, o que conduziu o Comitê de Damas da Cruz Vermelha Brasileira a proposta de criação de Curso de Enfermeira Profissional.

Curso de Enfermeira Profissional

O Histórico da Cruz Vermelha Brasileira relata que o Comitê de Damas da Cruz Vermelha Brasileira ao identificar a necessidade de profissionalizar as Enfermeiras Voluntárias, propôs a criação do Curso de Enfermeira Profissional, com o argumento de “propiciar mais um meio de pelo trabalho, angariar fundos para viver” (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 151-152; PORTO E SANTOS, 2007, p. 52).

Este argumento ratificou o interesse para o funcionamento no campo mediante a estratégia de profissionalizar às mulheres, como Enfermeiras Profissionais, voltadas para o cuidado, antes domiciliar, para o mercado de trabalho no contexto da I Guerra Mundial, como forma de sustentação financeira das eventualidades circunstanciais do lar.

Mediante a proposta da Comissão Feminina e a argumentação das Damas da Cruz Vermelha Brasileira, criou-se o Curso de Enfermeira Profissional. Este com o objetivo de formar Enfermeiras Profissionais para trabalhar nos hospitais, Casa de Saúde e no domicílio (serviço privado) (MOTT E TSUNECHIRO, 2002, p. 594).

Este Curso se distinguia do Curso de Enfermeira Voluntária em diversos aspectos, dentre eles: o tempo de formação, a quantidade de matérias, o uniforme, o requisito de ingresso e o documento de conclusão.

O tempo de formação entre os dois Cursos se distinguia em sua duração. Em outras palavras, o Curso de Enfermeira Voluntária tinha o período de doze meses, enquanto o de Enfermeira Profissional de vinte e quatro meses (quadro demonstrativo nº. 02).

Quadro Demonstrativo Nº. 02 – Tempo de duração dos Cursos de Enfermeira Voluntária e Profissional

Nome do Curso da Escola Prática de Enfermeiras da CVB	Ano de criação	Tempo de Duração do Ensino
Curso de Enfermeira Voluntária	1914	12 meses (podendo ter duração menor, a juízo da diretoria, em caso de guerra)
Curso de Enfermeira Profissional	1916	24 meses divididos em duas séries

Fonte: Histórico da Cruz Vermelha Brasileira, Rio de Janeiro, 1923, p. 175 e 190.

O espaço de tempo diferenciado para a formação entre os dois Cursos pode ser explicado pelo efeito de tempo, que para Bourdieu pode ser entendido como o tempo que já passou, pois carece de acompanhar a prática, que a ciência tenta explicar (BOURDIEU, 2009, p. 135).

Ao articular a diferenciação entre os tempos dos dois Cursos e a teorização sobre o efeito de tempo por Bourdieu, depreende-se que o Curso de Enfermeira Voluntária à época de sua criação, no início da I Guerra Mundial (1914), já deveria ter sido de Enfermeira Profissional pela circunstância nacional e internacional.

Este efeito de tempo não ocorreu de forma isolada no Brasil. A distinção do período na formação entre o Curso de Enfermeira Voluntária e o de Profissional, da Cruz Vermelha Espanhola, também se fez presente em dez meses e o outro em vinte e quatro meses, respectivamente. Mas cabe ressaltar que, ambos os Cursos foram criados em 1917 e funcionavam paralelamente (PRIETO, GUITIÁN, DIAZ E GUERRERO, 2008, p. 745).

Outra distinção apresentada entre os dois Cursos se refere à quantidade de matérias ministradas pelos professores. O Curso de Enfermeira Voluntária tinha o total de onze matérias, enquanto o de Profissional totalizava em seis.

Inferi-se aqui, algumas explicações para a quantidade superior de matérias para o Curso de Enfermeira Voluntária, ou seja, elas por se formarem em tempo mais curto que as Enfermeiras Profissionais, precisavam de conteúdos mais objetivos e direcionados à prática voluntariada que iriam exercer. Por outro lado, as Enfermeiras Profissionais necessitavam de conteúdos mais abrangentes e menos pontuais que as Voluntárias, pois elas

iriam exercer a prática profissional no mercado de trabalho, entendido como Hospitais, Casas de Saúde e domicílios.

Ademais, as aspirantes a Enfermeira Profissional pela responsabilidade que iriam exercer no cuidado extramuros da Cruz Vermelha Brasileira necessitavam de conhecimento sobre Administração Hospitalar e Economia Doméstica, cotejado a Enfermeira Voluntaria, que recebia o conhecimento sobre Organização e Funcionamento da Cruz Vermelha em Campanha e Hospitais de Sangue.

Pela ótica de Bourdieu a distinção quantitativa e qualitativa das matérias ministradas nos Cursos deve-se ao acúmulo de capital escolar. Este capital é entendido ligado com as variações da competência e equivalente as diferenças restritas e estritamente controláveis, se estabelecendo como competência legítima que a conduz ao rendimento simbólico elevado, o que ratifica a distinção (BOURDIEU, 2002, p. 161).

Neste sentido, a distinção é ratificada pela competência legítima, que se pode entender como responsabilidades diferenciadas na atuação de cada espaço do cuidar, pelas especificações de cada Enfermeira em virtude de sua formação.

Além disso, pode-se ser entendida como o efeito de teorização. Este é a revelação em negativo das propriedades da lógica da prática, que escapam apreensão teórica, por meio do reconhecimento de uma lógica, que não é o da lógica. Dito de outra maneira, ao se exigir lógica da lógica, corre-se o risco de impor incoerência ou coerência forçada (BOURDIEU, 2009, p.142). Isto conduz ao entendimento de que o Curso de Enfermeira Voluntária e de Profissional necessitavam de distinção na quantidade de matérias a serem ministradas,

porque o efeito de teorização não cabia o reconhecimento da prática voluntariada.

Outra distinção ocorre entre os uniformes das Enfermeiras Voluntárias e Profissionais, que será abordada em capítulo posterior, quando serão decodificadas as peças que o compõe com base no referencial teórico de Pierre Bourdieu na concepção de representação objetal.

O requisito para ingressar no Curso de Enfermeira Profissional também se distinguia para o ingresso do Curso de Enfermeira Voluntária. Além dos requisitos adotados para o Curso de Enfermeira Voluntária, se fazia necessário provar ler e escrever, por meio de exame vestibular prévio que constava de leitura, ditado e operação aritmética (ESTATUTOS DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS, 1918, p. 04-05).

A exigência de mais capital cultural para o ingresso no Curso de Enfermeira Profissional se dava mediante ao efeito das mudanças morfológicas. Este efeito leva em conta a lógica do campo submetida às forças externas (BOURDIEU, 2004, p. 58-59). Pode-se entender como possibilidade de explicação para esta distinção que, a Enfermeira Profissional era destinada ao espaço público – extra muro Institucional – com o objetivo se auto-sustentar na falta de um provedor.

A aprovação para se tornar Enfermeira Profissional se dava por exames a cada ano letivo, por meio de três provas: escrita, oral e prática, sendo que as duas últimas eram públicas com tempos pré-determinados¹¹, bem como sabatinas, assiduidade e outras provas de aplicação escolar que seriam consideradas para aprovação final, cabendo os mesmos critérios para

¹¹ 2 (duas) horas para cada matéria da prova escrita, da oral 30 minutos e da prática o tempo era julgado pelos examinadores (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p.193)

aprovação de Enfermeira Voluntária, a diferir pelo conteúdo do programa (HISTÓRICO DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 175 E ESTATUTOS DA ESCOLA PRÁTICA DE ENFERMEIRAS, 1918, p. 06 e 17-18).

A distinção para aprovação nos dois Cursos, a primeira vista, careceu-se de distinção, mas ao se recuperar os objetivos de ambos os Cursos, identificou-se o que se encontrava em jogo, ou seja, o interesse de distinção na formação da Enfermeira Voluntária voltado para a Cruz Vermelha Brasileira e da Enfermeira Profissional para o mercado de trabalho.

Isto explica a distinção com base no conteúdo do programa dos Cursos, lembrando que as Voluntárias tinham, em especial, matérias direcionadas à Organização e Funcionamento da Cruz Vermelha, em Campanha e Hospitais de Sangue, e as Profissionais à Administração Hospitalar e Economia Doméstica, o que ratifica mais uma vez os objetivos dos Cursos.

Ao final do Curso de Enfermeira Profissional, a aspirante recebia o Diploma de Enfermeira diferenciado da Voluntária, que recebia um Certificado. O diploma é um documento formal, fornecido quando alguém conclui algum curso profissionalizante, regulamentado por lei, expedido por escolas e outras instituições de ensino. Este geralmente é registrado no órgão competente, diferentemente, do certificado que é um documento fornecido para certificar ou comprovar que alguém participou de algum curso de menor carga horária (MARQUES, 2002, p. 13).

Neste sentido, a Enfermeira Profissional ao receber o diploma, ela se consagrava portadora de capital simbólico, acreditado pelo mercado de trabalho. Em consequência disto, se estabelecia pela condição de autoridade e

legitimidade da profissão garantida pelo título escolar (BOURDIEU, 1996, p. 39).

Destarte, o diploma lhe possibilitava a inserção no mercado de trabalho, bem como ratificava o acúmulo de capital, tendo por desdobramento o resultado do fruto gerador da Cruz Vermelha Brasileira, em formar Enfermeiras para além dos domínios Institucionais.

Quadro Demonstrativo N^o. 03 - Os Requisitos para Matrícula, as Matérias e Criação dos Cursos de Enfermeiras da CVB e da EPEE

Nome da Instituição de Ensino de Enfermagem	Ano de Criação	Duração do Ensino	Requisito para Matrícula	Cadeira/Matéria
Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras	1890	24 meses	Ter mais de 18 anos; Saber ler e escrever corretamente e conhecer aritmética elementar; Apresentar atestado de bons costumes.	<ul style="list-style-type: none"> • Noções praticas de propedêutica clinica; • Noções gerais de anatomia, fisiologia, higiene hospitalar, curativos, pequena cirurgia, cuidados especiais a certas categorias de enfermos e aplicações balneoterapicas; • Administração interna e escrituração do serviço sanitário e econômico das enfermarias
Curso de Enfermeira Voluntária	1914	12 meses (podendo ter duração menor, a juízo da diretoria, em caso de guerra)	Título de sócia da cruz Vermelha; A candidata deve escrever no livro de registros o nome, filiação, idade, naturalidade, estado civil e residência; Sendo a candidata menor de 21 anos, apresentar autorização de quem de direito, pai, tutor, marido;	<ul style="list-style-type: none"> • Considerações geraes sobre a acção da Cruz Vermelha e das enfermeiras voluntárias; • Noções sobre hygiene individual e colletiva; • Noções geraes de anatomia e physiologia humana; • Thermometria, pulso e respiração; estudo prático. • Material cirúrgico, instrumentos de uso na pratica medico-cirurgica. Casos cirúrgicos mais comuns; • Asepsia e antisepsia. Anesthesia, seus diferentes processos; • Curativos, pensos¹² e aparelhos em clínica e cirúrgica.
Curso de Enfermeira Profissional	1916	24 meses, divididos em 2 séries	Certidão ou justificação de idade maior que 18 e menor que 30 anos; Atestado de boa conduta, conferido por autoridade competente ou por pessoa idônea; Atestado médico declarando não sofrer de nenhuma moléstia crônica nem contagiosa, assim como não ter defeito físico incompatível com a profissão; e Provar saber ler e escrever a língua portuguesa e fazer as quatro operações aritméticas.	<ul style="list-style-type: none"> • Anatomia e Physicologia, • Hygiene • Assistência aos Enfermos de Clínica Médica, • Assistência aos Enfermos de Clínica Cirúrgica, • Assistência às Mulheres Grávidas e aos Recém-Nascidos, • Administração Hospitalar e Economia Doméstica

Fonte: Histórico da Cruz Vermelha Brasileira, Rio de Janeiro, 1923, Estatutos da Escola de Enfermeiras – Programas – Cursos Profissional e das Enfermeiras Voluntárias, Cruz Vermelha Brasileira, Rio de Janeiro, 1918, MOREIRA, A. Profissionalização da Enfermagem Brasileira: O Pioneirismo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890-1920). 2003 Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

¹² Pensos eram utilizados para cobrir pequenas feridas, ou feridas cirúrgicas. O penso era construído com uma gaze em cima da ferida, e sobre ele uma atadura. Posteriormente a gaze fora coberta por esparadrapos. Dos pensos surgiram o que atualmente são conhecidos como *Band-Aid* (WIKIPEDIA, 2011)

Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira

Em 1916, foi inaugurada a Escola Prática de Enfermeiras com sede na Cruz Vermelha Brasileira, no Rio de Janeiro, abrigando os Cursos de Enfermeira Voluntária e Profissional. A Escola possuía as características no sentido de convergirem para o reflexo da Cruz Vermelha Internacional, ou seja, em torno de uma instituição filantrópica que preparava pessoas para atuarem no cuidado (PORTO E SANTOS, 2007, p. 52)

Esta Escola era dirigida sob o auspício do Dr. Getúlio dos Santos, que acumulava também a função de professor, além dele, o Dr. Estellita Lins e Dr. João Affonso de Souza Ferreira, todos militares

No mesmo ano de criação da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916), o Dr. Getúlio dos Santos, publicou a obra intitulada “Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que se destinam a profissão de enfermagem e das pessoas que cuidam de doentes”, a qual registra no capítulo intitulado “Considerações geraes sobre a profissão de enfermeiro”, o seguinte:

Até a aparição desta obra, em 1916 [Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira], a profissão de enfermeiro ainda não existia absolutamente entre nós: official ou particularmente pouco se havia feito então, em relação a tão necessária classe de profissionaes. (SANTOS, 1928, p. 13)

O trecho acima reproduzido indica que a criação da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira deu um novo impulso à formação de Enfermeiras Profissionais. Ademais, Santos cita que uma iniciativa anterior não tivera o sucesso esperado, que nas suas palavras:

Uma tentativa de há muito tempo, da época do Governo Provisório se não nos enganamos, criando uma Escola desse gênero para indivíduos de ambos os sexos, não foi além dos primeiros ensaios, deixou de surtir o efeito desejado (SANTOS, 1928, p. 13)¹³.

Citação como esta revela que, o diretor da Escola Prática de Enfermeiras era um crítico da então precária e insuficiente formação de Enfermeiras Profissionais. Santos, ao citar a criação de uma escola à época do Governo Provisório infere-se se tratar da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, criada no governo provisório (1889-1891), por meio do Decreto 791 de 27 de setembro de 1890.

Esta Escola teve a sua primeira turma formada, em 1906, com apenas cinco¹⁴ Enfermeiros Profissionais, não havendo registros, até o ano de 1921 de outros formandos (MOREIRA, 1995, p. 63 E SANTOS, T. B. E., MOREIRA, A, PORTO, F., 2005, p. 71).

Além disso, o discurso do diretor da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira fazia objeções sobre a presença de homens nas escolas profissionais de enfermagem com o seguinte argumento:

(...) seria perigoso abrir as portas aos homens cuja ambição não tem limites, para essa instrução Theórica-Prática, embora modesta, que garante a posse de um diploma de enfermeiro, a menos que se não quizesse fomentar, desenvolver, e mais ainda facilitar a terrificante praga de “curandeiros” e charlatões que já nos assola (SANTOS, 1928, p. 17).

¹³ O livro intitulado “Livro do Enfermeiro e da Enfermeira” teve sua primeira edição em 1916.

¹⁴ O enfermeiros formados em 1906 foram: José Joaquim Dias Paredes, Aureliano Francisco de Carvalho, Albertina Gomes Barreto, Conceição da Silva Carvalho, Henriqueta Rosas.

Em outro fragmento, o Dr. Getúlio dos Santos justificou seu argumento em defesa do exercício profissional pelo gênero feminino, em virtude da mulher ser:

(...) mais sincera nas suas aspirações, mais constante nos surtos, de acção bem mais comedida e, portanto, mais capaz de exercer sem exorbitar, e dentro das suas atribuições, o dedicado mister de Enfermeira (SANTOS, 1928, p. 17).

Dr. Getulio dos Santos, no excerto acima, se posiciona a favor da formação de Enfermeiras, em detrimento da instrução aos homens. Isto se dava em virtude da existência dos charlatões e dos curandeiros, argumentando que desta forma estaria fomentando o desenvolvimento para o campo da saúde.

A posição de Santos ao defender a presença de mulheres Enfermeiras, era sustentada no conceito físico, devendo elas serem: robustas e saudáveis para o cuidado aos doentes; ter gosto pela profissão; instrução para atender o que os médicos necessitassem na assistência. Somado a estes atributos, a calma, precisão, atenção, de elas serem reservadas, afetuosas e corajosas, também se faziam cogentes (SANTOS, 1928).

Esses atributos estão de acordo com aquilo que os pais, o marido e a sociedade aspiravam de uma mulher. Essas características, que reforçavam a dominação masculina (médicos) sobre as Enfermeiras, estavam inveteradas em suas mentes e funcionavam como um esquema de percepção, pensamento e ação (BOURDIEU, 1999, p. 31)

A Escola era anexa ao Dispensário Médico Cirúrgico, dotado de consultórios, farmácia, laboratórios, dependências para exames dos enfermos, curativos e intervenções cirúrgicas. (PORTO, SANTOS, 2007, p.52)

O ingresso da primeira turma para o Curso de Enfermeira Profissional se deu mediante as aspirantes do Curso de Enfermeira Voluntária, o que totalizou trinta e seis, destas, oito¹⁵ foram diplomadas (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 168).

O quantitativo de formadas como Enfermeiras Profissionais ratifica a distinção da proposta entre os dois Cursos. Isto conduz ao entendimento de que o jogo de interesse para o Curso de Enfermeira Voluntária era para atender uma demanda interna, provavelmente, para a reprodução da crença simbólica da Instituição.

Por outro lado, o Curso de Enfermeira Profissional era para atender a necessidade de provimento econômico da mulher, antes destinado ao lar, por meios profissionais, momento também que se pode contextualizar no período da I Guerra Mundial.

A Cruz Vermelha Brasileira imbuída nas necessidades de formação de Enfermeiras, em especial as Voluntárias, visava neutralidade nas ações de voluntariado em tempos de guerra e paz. Além disso, as Voluntárias eram mais destinadas a reproduzir a crença simbólica, como estratégia que será analisada e discutida nos capítulos adiante.

O ano de 1918, com o término da I Guerra Mundial e a eclosão da Gripe Espanhola, finda a formação do Curso de Enfermeira Voluntária. Bourdieu ao estudar o povo de Cabília (Argélia) identificou que no matrimônio as mulheres que vinham do exterior buscavam ligação com os de sua linhagem, pois desta forma ela obteriam poder e prestígio (BOURDIEU, 2004, p. 88).

¹⁵ As alunas que compuseram a primeira turma foram Jandira Condeixa de Azevedo, Maria Magalhães Ducasble, Dina de Oliveira Monteiro, Eva van Endem, Maria Magarão Rolemberg da Cruz, tendo como paraninfo o Sr. Dr. Estellita Lins (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 168).

Ao articular a Instituição casamento e mulher na ótica de Bourdieu, emparelhando a Instituição Cruz Vermelha Brasileira e Enfermeira Profissional, pode-se inferir que ao optar pelo Curso de Enfermeira Profissional, em detrimento ao de Voluntária, a Instituição elegeu pelo poder e prestígio na via da profissionalização da Enfermagem.

Ao elegeu a via da profissionalização em Enfermagem pelo Curso de Enfermeira Profissional, cabe registrar que Dr. Getulio dos Santos, crítico no sentido de profissionalização, não poderia deixar, provavelmente, de influenciar na manutenção da Escola ao manter o curso profissionalizante, pois caso contrário, estaria se contradizendo, quando criticou a ineficácia da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, anexa ao Hospício Nacional de Alienados, o que poderia deixar de fora no processo de profissionalização a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Cabe ressaltar que o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo teve como justificativa prioritária para a formação de Enfermeiras em 1917, atender a demanda possível do país no que se refere a I Guerra Mundial, bem como atender sua demanda interna. Com o fim da guerra, a Instituição promoveu mais uma turma, que em 1920 deu-se por encerrado o Curso de Enfermeiras daquela Instituição (MOTT, 2003).

Mediante ao exposto, pode-se inferir que a estratégia Institucional utilizada, ao elegeu o Curso de Enfermeira Profissional, não ocorreu ao acaso, pois pelo que se apresenta até o momento, o interesse em jogo era a reprodução da crença simbólica. Este jogo não deveria correr o risco de ser desacreditado, o qual era conduzido pelo Curso de Enfermeira Voluntária pelos atributos pessoais que serão analisados nos próximos capítulos.

Ademais, a Instituição deveria tomar cuidado no carecer de visibilidade social, o que colocaria em risco a reprodução da crença de uma instituição internacional.

É neste contexto que a mulher, Enfermeira Voluntária ou Profissional, conseguiu, por meio da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, sua inserção na Enfermagem, contudo, no caso da Cruz Vermelha Brasileira, como sua agente mensageira.

- Capítulo 3 -

IMAGEM PÚBLICA DA ENFERMEIRA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Introdução

O capítulo tem por finalidade analisar as imagens veiculadas das Enfermeiras nas Revistas da Semana e Fon Fon, com foco nas noções de *habitus* e *hexis* corporal dos retratados, no período de 1917-1918.

A análise resultou em dados significativos sobre a produção da imagem da Enfermeira ratificada mais uma vez como agentes mensageiras institucionais.

Como agentes mensageiras Institucionais, as imagens retrataram elas em cenários público e institucional. No cenário público com o objetivo de arrecadação de fundos para ajudar os necessitados no sentido de investimento Institucional, para oferecer condições melhores de atendimento aos necessitados, e no Institucional, por meio de ritos Institucionais.

Além destes dois cenários, a imagem da Enfermeira foi capa da Revista da Semana, em 1918, o que possibilitou à época poder e prestígio à Cruz Vermelha Brasileira.

Enfermeiras nas páginas da imprensa ilustrada durante a I Guerra Mundial

A imprensa durante o período da I Guerra Mundial ofereceu destaque a várias notícias, dentre elas, a de mulheres que cuidavam dos acometidos no conflito. A Revista Fon Fon, na seção “Perfis Internacionais”, apresentou aos leitores personalidades militares e civis, masculinas e femininas.

Para as mulheres o destaque foi oferecido para àquelas com título de nobreza (PORTO E SANTOS, 2006, p. 275), como, por exemplo, do título da matéria veiculado na Revista Fon Fon “As Grãs-duquezas enfermeiras”.

“As Grãs-duquezas enfermeiras – Entre as inúmeras femininas que a piedade, no dercurso d'esta guerra, circundou de uma aureola luminosa, destacam-se e impõem-se as grãs-duquezas Olga e Tatiana, as duas filhas mais velhas de Tzar não fingem de enfermeiras, são verdadeiras enfermeiras. A assistência que prestam aos feridos não é admirável somente pela significação moral e pelo prestígio que as suas personalidades dão a este acto, mas, realmente pela competência extraordinária e pela inteligência com que fazem (...)”

A matéria destaca os atributos de decência, prestígio, competência e inteligência nos afazeres para com os feridos de guerra realizados por mulheres, induzindo-a segui-los. Este exemplo de matéria, dentre outros, que os autores Fernando Porto e Tânia Cristina Franco Santos mostraram no estudo com o título “A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (SP)”, o que lhes permitiu afirmar, com base nos estudos de Ieda Barreira de Alencar, que as repercussões de guerra para a Enfermagem são importantes vetores de profissionalização, pois o mesmo ocorreu no período na Guerra da Criméia com Florence Nightingale, ao conquistar poder e prestígio (PORTO E SANTOS, 2006, p. 276).

O historiador H. P. Willmott¹⁶ autor da obra “Primeira Guerra Mundial” (2008) escreveu sobre diversos aspectos do cenário bélico, ao correlacionar imagens e textos, dividindo o livro em nove capítulos. Destes, no capítulo denominado “A Guerra e a ascensão do Estado”, ele dedicou dois subtítulos ao

16

Nome que o autor se apresenta na obra.

gênero feminino, chamando-os de “Mulheres nas fábricas e no campo “ e “O impacto das mulheres na Guerra”.

No primeiro subtítulo, o Willmott aborda o efeito da guerra em algumas atividades, antes não exercida pelo feminino, tais como: operárias nas fábricas destinadas a produção de bombas, armamentos, equipamentos elétricos e metalurgia, produção de produtos químicos, instrumentos de precisão e artigos de couro na Grã- Bretanha e França, com carga horária de 60 horas semanais (WILLMOTT, 2008, p. 128).

No segundo subtítulo, descreve a saída da mulher do meio privado no sentido de cuidar de criança, igreja e cozinha para dirigir ambulâncias e caminhões, trajando macacões e calças para o trabalho diário, nestes ambientes laborais, bem como criavam frentes de trabalho para atenderem aos feridos de guerra, o que conduziu a crise no serviço doméstico (WILLMOTT, 2008, p. 130).

Neste contexto, o feminino sai do cenário privado para o público pela necessidade emergente do conflito em tela. Entende-se aqui, que a I Guerra Mundial ao mesmo tempo que foi espaço de carnificina, também, foi o momento que impulsionou a mulher para o mundo do trabalho, que delimitado no estudo, se refere sobre os cuidados prestados aos feridos de guerra.

Ao prestarem cuidados aos feridos de guerra, Willmott (2008, p. 221), relata que os médicos britânicos fizeram uso da experiência na guerra Sul-Africana (1899-1902), se mostrando eficazes nas guerras de trincheiras, por utilizarem: água com cloro para purificar “pé-de-trincheira” e fumigando roupas e assegurando banhos regulares durante os rodízios fora do *front*, para gangrena gasosa utilizavam o “Líquido de Dakin” – antisséptico desenvolvido

por um químico britânico e cirurgião franco-americano e os ferimentos de projéteis eram tratados em hospitais de campo.

Apesar de Willmott não citar de forma explícita as mulheres Enfermeiras, as imagens contidas em meio ao texto, são reveladoras em linguagem imagética, que dão relevo a sua participação nos cuidados prestados aos feridos de guerra, como veiculou a Revista Fon Fon na seção de “Perfis Internacionais”.

No Rio de Janeiro, a Cruz Vermelha Brasileira ganhou as páginas nas imprensa ilustrada, por meio de campanhas e rituais institucionais de formação de Enfermeiras, que promoviam a Instituição no sentido de fazer ver e fazer crer na crença simbólica institucional no período da I Guerra Mundial.



Fac-símile nº. 01 – A Festa da Cruz Vermelha Brasileira e a Associação Protetora das Crianças Pobres, na Praça da República (REVISTA DA SEMANA, 28/07/1917, p.17)

A primeira imagem apresentada no estudo foi veiculada na Revista da Semana, no ano de 1917. Esta demonstra (fac-símile número um) Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, reunidas em uma festa da Associação Protetora das Crianças Pobres, na Praça da República.

O fac-símile número um, do tipo posado, no plano conjunto, sentido horizontal, formato irregular, retratou doze mulheres, trajando indumentárias

claras, véu com o símbolo da cruz ao centro na frente, sapatos nos tons claros e escuros.

No contexto da imagem, estas mulheres dividiam o espaço com sete crianças, possivelmente àquelas que seriam amparadas pela Associação Protetora das Crianças Pobres¹⁷ e uma mulher – terceira da esquerda para direita. Ao fundo da imagem, é possível de se identificar a presença masculina de pelo menos três, considerando a pouca nitidez da imagem.

O cenário foi externo, de paisagem natural, caracterizada por flores e árvores. Além disso, pode-se inferir que no momento do *click* fotográfico, seja pelo movimento corporal ou pelo vento que movimentava o véu de duas enfermeiras – primeira e terceira da direita para esquerda – colabora com a descrição do espaço fotográfico ser de fato em cenário externo.

Pode-se ver, também, que as Enfermeiras, trajam uniforme de cor clara, véu e símbolo da Instituição na altura do tórax e da cabeça, cujas transportavam em suas mãos, pequenas bolsas de cor clara e com o símbolo da Cruz Vermelha Brasileira, que se entende serem bolsas para coleta de doativos.

As enfermeiras, neste fac-símile número um, com bolsas para coleta de doativos, pode-se inferir, que sejam para angariar fundos para Associação Protetora das Crianças Pobres, em um evento realizado em local externo, ou seja, com intenção de se tornar público a ação filantrópica.

A bolsa, de uma forma geral, é um saco pequeno utilizado pelas mulheres para carregar dinheiro e miudezas. Entretanto, a bolsa na língua portuguesa possui múltiplos significados, desde a um objeto comum de uso e

¹⁷ A Associação Protetora das Crianças Pobres realizava ações beneficentes para assegurar crianças do Rio de Janeiro em relação, principalmente, à alimentação.

composição a vestimenta feminina, como subjetivamente a dinheiro e vida. (HOLANDA, 2000)

Já os donativos exercem o significado de oferta, material de doação, e também podem significar esmola. Ao associar o significado da bolsa com donativo, pode-se inferir que na imagem, ao segurarem uma bolsa donativo, as Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira transmitem a intenção de caridade ao público da festa, e reafirma mais uma vez a identidade Institucional por meio dos seus ideais.

Esta imagem foi veiculada, juntamente com a reportagem de uma leitora, Laura Carnet¹⁸, que escreveu o papel da mulher na sociedade, relatando que ele iria para além de jóias, festas e chás, mas sim, com responsabilidades domésticas e criação dos filhos, pois é dela que emana “*a voz como balsamo e amor, e o seu olhar uma promessa, a esperança, o sonho de uma eternidade suave*” (REVISTA DA SEMANA, 1917, p.17).

Ao articular a imagem à crítica da leitora da Revista da Semana, Laura Carnet, é possível questionar a visão que era concebida da mulher nesta época. Para isso, contrapõe-se a imagem do discurso escrito de mulher longe de superficialidades como: festas, jóias, afazeres domésticos, criação dos filhos, e no discurso imagético, a mesma mulher trajada como Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira em uma festa, em busca de donativos para crianças pobres, cuidados direcionais de mulher em benefício da cria.

O *habitus* como sistema de disposição para a prática é fundamento objetivado na regularidade de condutas, que é possível de se prever nas práticas que possuem os seus agentes, em uma determinada maneira e

¹⁸ O estudo não identificou a pessoa nos recursos disponíveis até sua finalização.

circunstância (BOURDIEU, 2004, p. 98). Considerando a mulher situada no espaço social do privado, onde participar de festas, usar jóias, se dedicar aos afazeres domésticos e cuidar dos filhos, quando ela passa para o espaço público, transfere com ela o *habitus* de mulher, dedicada ao lar para Enfermeira do mundo público.



Fac-símile nº. 02 – Festa da Cruz Vermelha no Skating do Leme. (REVISTA DA SEMANA, 11/03/1917, p. 08).

O fac-símile de número dois apresenta uma mulher trajando uniforme na cor clara, sapatos claros, e um véu com o símbolo da cruz na frente, o que remete a inferir a imagem de uma Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, em meio a três mulheres, trajando vestidos escuros com blusas claras no interior da roupa, mangas compridas e sapatos escuros e fechados e, nas mãos continham cestas de flores.

As mulheres retratadas ao lado da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira trajavam indumentárias que remete aos das camponesas, que, para Perrot (2007, p.110), são as mais silenciosas das mulheres, que imersas nas sociedades patriarcais, se tornavam submersas a dominação masculina.

Em contraponto, ainda, segundo Michelle Perrot (2007), na obra “Minha História das Mulheres”, pondera que no período da I Guerra Mundial, essas camponesas conseguiam, por transferência de poderes, parte das tarefas masculinas, como lavrar a terra e gerir negócios, ações consideradas viris, o que acumulados impulsionaram a modificação do equilíbrio das famílias e das relações entre os sexos, mudando a vida destas mulheres.

A Enfermeira ao ser retratada em meio a figura da camponesa, no período de guerra, construía no imaginário do leitor(a) a nova fase do gênero feminino, perpassando pela profissionalização desta mulher na Enfermagem, garantindo a figura de tipo-ideal esperada pela Instituição.

A figura tipo-ideal à luz de Bourdieu é como uma equação simples e falsa, que pode ser entendida como verdadeira. Dito de outra maneira, também, pode ser entendida como parte consagrada da psicanálise da fotografia. Por outro lado, é um conhecimento formal que disponibiliza a realidade à distância e permite manipulá-la (BOURDIEU, 2004, p. 67-68).

A representação de camponesa, por meio do silêncio e da mão-de-obra, articulada a presença imagética da Enfermeira, conduz ao entendimento de que àquela deveria guardar para si seu posicionamento e pelas mãos executar os cuidados a elas destinados.

Esse fac-símile número mostra a Enfermeira da Cruz Vermelha em um evento social, com indumentárias que transmitem a representação objetal

como instrumento de integração social, que para Bourdieu (2003, p. 10) segue por meio da lógica e da sua condição moral.

Os eventos em lugar aberto e no espaço físico da cidade do Rio de Janeiro, capital do país à época, como retrata o fac-símile supracitado, gera o efeito de lugar, que para Bourdieu (2004, p. 38) é explicado como técnica de objetivação bastante poderosa com a condição que se saiba ler a relação construída entre a estrutura do sistema das posições constitutivas do espaço de um campo e a estrutura social.

Neste sentido, o efeito de lugar pode ser considerado um dos elementos simbólicos para garantir o poder e o prestígio aos agentes sociais e à Instituição fluminense, aqui representada pela Cruz Vermelha Brasileira, que se fazem por meio deles, a produção da crença entre ambos, a Instituição e as Enfermeiras que a ela pertencem.

Esse fac-símile sob o plano conjunto, do tipo posado, com formato retangular no sentido horizontal foi apresentado com título da manchete “Festa da Cruz Vermelha no Skating do Leme”.

O texto que acompanha a imagem coaduna a ideia desta ser externa, possuindo paisagem natural, ao citar como texto se tratar de *“As festas ao ar livre no Leme e na Copacabana deveriam ser mais frequentes (...)”* e *“Domingo, no skating do Leme, realizou-se, finalmente, a festa promovida por uma comissão de senhorinhas do lindo bairro de beira mar (...)”* (REVISTA DA SEMANA, 1917, p. 08).

A presença em espaço público das Enfermeiras para arrecadar fundos para a Instituição, em troca de flores, pode se entender como uma das formas da economia das trocas simbólicas.

Estas trocas simbólicas obedecem a uma lógica que reproduz de forma dissimulada significados (BOURDIEU, 2003, p. xii). Neste caso das flores, o entendimento pode ser inferido no sentido de se atribuir doação de bem ao próximo, sendo as Enfermeiras mensageiras Institucionais da caridade e bondade, disponíveis pelo sacrifício à humanidade no contexto da I Guerra Mundial, em nome da Cruz Vermelha Brasileira.



Fac-símile n.º. 03 – Vários Aspectos da Manifestação feita ao Gel. Thaumaturgo de Azevedo, presidente da Cruz Vermelha, sendo inaugurado na sede de sua utilíssima instituição, o seu retrato a óleo (REVISTA FON FON, 07/12/1917, p. 32).

O fac-símile de número três é do tipo espontâneo, geometricamente retangular, em plano conjunto, no sentido horizontal. Esta imagem se encontra diagramada na posição superior da página, tendo em seguida o próximo fac-símile de número quatro na mesma temática, mas no cenário de rito institucional. Este dado se mostra relevante, pois o fac-símile de número três indica, provavelmente, a chegada do general Thaumaturgo de Azevedo à Cruz Vermelha Brasileira.

Este fac-símile possui dezesseis mulheres com uniformes na cor clara, algumas de mangas longas e outras mais curtas e véu. Todas ostentam o símbolo da cruz na cor escura em seus uniformes. No centro do texto

imagético, encontra-se o general Thaumaturgo de Azevedo, recebendo os olhares das Enfermeiras e/ou aspirantes a Enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

A *hexis* corporal de algumas retratadas em apoiar o homenageado no caminhar, pode ser entendida como uma atitude de deferência. Esta atitude expressada pelo corpo pode ser iluminada, por Bourdieu como um estado de corpo.

O estado de corpo é uma maneira de adesão decisória de um corpo de dogmas e de doutrinas empreendidas pelo *habitus*, o qual o senso prático oferece, inculcando nos aprendizes, principalmente, em seus corpos que conservam na memória os valores apreendidos (BOURDIEU, 2009, p. 112).

A deferência em apoiar a chegada do homenageado em seu caminhar, também é acompanhado pela expressão facial de sorriso, que representa a eficácia simbólica da *hexis* corporal.

Esta eficácia simbólica ocorre no sentido em que a expressão corporal de afeição, como risos e lágrimas, se faz presente nas dobras do corpo. Além disto, a eficácia simbólica é a capacidade coletiva reconhecida de agir, por meios bem diversos, sobre as montagens do verbo-motor, seja para neutralizar ou reativar, fazendo funcionar de forma mimeticamente aquele que se expressa (BOURDIEU, 2009, p. 113-114).

Depreende-se disto, que no fac-símile de número três, as retratadas ao receberam o homenageado com deferência, apresentaram estado de corpo com eficácia simbólica na imagem congelada que foi veiculada na Revista Fon Fon. Ademais, entende-se como uma das formas de se materializar a crença

simbólica entre as retratadas pelo poder e prestígio, que representava o homenageado para e com a Instituição.

Fernando Porto e Tânia Cristina Franco Santos, na primeira parte da obra “História da Enfermagem Brasileira – lutas, ritos e emblemas” intitulada “A Enfermeira Brasileira na Mira do *Click* Fotográfico (1919-1925)”, relatam que os uniformes das Enfermeiras na cor clara e circunstanciando uma pessoa ou objeto na cor escura produz o efeito de claridade (PORTO E SANTOS, 2007, p. 66).

Este efeito de claridade aplicado ao fac-símile de número três iluminou o homenageado, ao se encontrar posicionado no centro imagético, oferecendo, ainda, mais relevo a sua figura.



Fac-símile nº. 04 – Vários Aspectos da Manifestação feita ao Gel. Thaumaturgo de Azevedo, presidente da Cruz Vermelha, sendo inaugurado na sede de sua utilíssima instituição, o seu retrato a óleo (Revista Fon Fon, 07/12/1917, p. 32).

Conforme já mencionado anteriormente, o *fac-símile* de número quatro se encontra abaixo do fac-símile de número três, o que na diagramação da página na imprensa ilustrada, ofereceu o sentido de continuidade dos fatos narrados imageticamente.

O fac-símile de número quatro é referente à inauguração do retrato a óleo do general Thaumaturgo de Azevedo¹⁹, do tipo flagrante, com formato retangular no sentido horizontal. Nesta imagem, o homenageado se apresenta sentado, na posição central, à mesa. Além disso, ele se encontrava ladeado por duas mulheres, trajando indumentárias na cor claras, véu e o símbolo da cruz.

Ao lado direito da imagem tem-se três mulheres com o uniforme e um homem com vestes na cor escura. Os atributos de paisagem são flores, mobiliários em geral, e destaca-se o quadro pintado a óleo do general ornamentado de flores, localizado do lado esquerdo do texto imagético.

Outro atributo que merece destaque por não ser visto nos fac-símiles, tanto no de número 03 quanto no de número 04, foi o braçal. Esta representação objetal era comum nas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, principalmente em ritos institucionais. Isso pode fazer inferir que estas mulheres seriam alunas da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, já que o braçal era destinado às enfermeiras formadas.

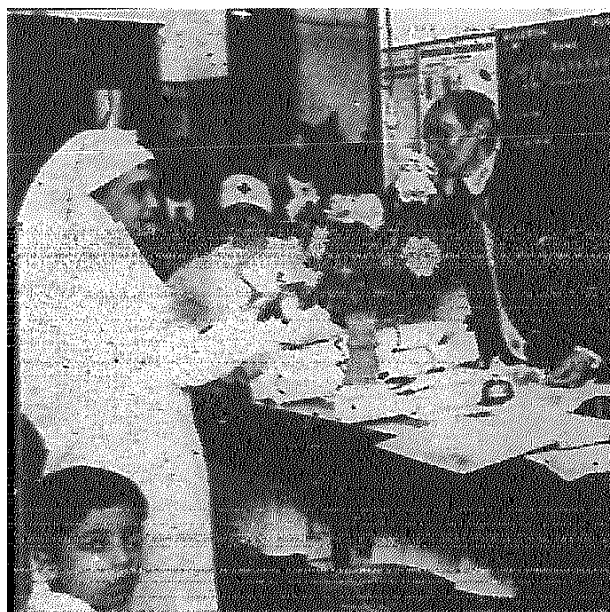
A temática da imagem é de um rito institucional. Rito que tem função de imposição, por meio de competência técnica e social, sendo um ato de magia social (BOURDIEU, 1999, p. 28). No caso do descerramento do quadro em homenagem ao general Thaumaturgo de Azevedo, como o segundo presidente da Cruz Vermelha Brasileira, no período em que ocorreu o reconhecimento e autorização da Instituição no âmbito nacional e internacional, se registra por meio de sua imagem uma das fases da história Institucional.

Além disso, o quadro pintado a óleo com a imagem do homenageado,

¹⁹ General Thaumaturgo de Azevedo foi o segundo presidente da Cruz Vermelha Brasileira, e também fez parte do conselho diretor desta instituição. O primeiro presidente foi Oswaldo Cruz, e neste momento, o general ocupava o cargo de vice-presidência.

também pode ser entendido como àquele que proveu a Instituição. Neste sentido, o descerramento da imagem do homenageado e exposição desta nas dependências da Cruz Vermelha Brasileira, traz para os expectadores convicção de que aquilo que se vê existiu e que ocorreu de fato em um determinado e exato momento como realidade apreendida pelo observador (MANGUEL, 2006, p. 91-93).

Ao registrar este momento na imprensa ilustrada, àquela imagem (fac-símile) transforma todos em objetos. Em outras palavras, o quadro pintado a óleo do homenageado, enquadrado na imagem de corte no tempo e no espaço, com os retratados no rito institucional faz com que tudo seja objeto de distinção no sentido de deferência (FRESHSE, 2005, p. 185).



Fac-símile n.º. 05 – O General Thaumaturgo de Azevedo entregando o certificado de aptidão técnica a uma das dedicadas enfermeiras voluntárias que concluiu seus estudos (REVISTA FON FON, 03/1917, p. 35).

O fac-símile de número cinco é do tipo quase-posado²⁰, no formato retangular, plano centralizado, horizontal, com fundo interior, com local

²⁰ Momento em meio a uma determinada situação que os retratados param para ser fotografados.

retratado, provavelmente, na sede da Cruz Vermelha Brasileira, no Rio de Janeiro, na temática de rito institucional de formatura de Enfermeira.

As pessoas retratadas são: uma formanda – lado esquerdo do texto imagético –, o general Thaumaturgo de Azevedo – do lado direito – e ao fundo, próximo ao centro da imagem D. Carolina Pinto, Enfermeira-chefe do Dispensário Médico Cirúrgico e membro do Conselho Diretor da Cruz Vermelha Brasileira.

Os retratados trajam: a formanda, uniforme e véu na cor clara, o general, de terno na cor escura e ao fundo, D. Carolina Pinto, uniforme e gorro ostentando o símbolo da cruz em seu traje. Neste fac-símile também não é visto o braçal, o que pode ser ratificado pelo rito de formatura, ou pelo posicionamento das enfermeiras nas imagens.

Destaca-se aqui que ocorre diferenciação entre o uniforme da formanda e da Enfermeira D. Carolina Pinto. Esta distinção se ratifica na obra do Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923) e no livro de autoria de Getulio dos Santos (1928) ao emparelharem duas imagens de Enfermeiras uniformizadas, cujas se diferenciam pelo uso de véu e gorro. O véu era destinado ao uso das Enfermeiras Voluntárias e o gorro pelas Enfermeiras Profissionais. Este dado direciona a leitura do texto imagético para a interpretação de que a formanda que ostenta o véu ser oriunda do Curso de Enfermeira Voluntária.

O rito institucional de formatura é referente à conclusão do Curso de Enfermeira Voluntária, cuja recebia ao término deste, um certificado conforme relata a legenda do fac-símile de número cinco “O General Thaumaturgo de Azevedo entregando o certificado de aptidão técnica a uma das dedicadas

enfermeiras voluntárias que concluiu seus estudos”.

A imagem do rito de formatura articulado a legenda, confirma a distinção entre os objetivos do Curso de Enfermeira Voluntária e Profissional, apresentado anteriormente com os respectivos significados.

A entrega do certificado de Enfermeira Voluntária e o recebimento da mesma, pelas mãos de uma autoridade renomada da Cruz Vermelha Brasileira, pode ser interpretada como a permissão da divisão do trabalho entre os sexos.

A Enfermeira Voluntária ao receber o certificado das mãos do general Thaumaturgo de Azevedo, ou seja, o ato de entregar e receber, envolvendo a *hexis* corporal entre dois corpos, por meio das duas mãos, o certificado – documento de autorização formal para fazê-lo pela competência técnica – entende-se como a eficácia simbólica de transmissão autorizada, que diferencia o trabalho feminino do masculino (BOURDIEU, 2009, p. 116)

Nesta imagem, também, se pode observar a presença de um menino, localizado ao lado esquerdo e inferior da imagem, olhando para a máquina fotográfica no instante de sua captura imagética.

A presença do menino no fac-símile veiculado na imprensa ilustrada, pode ser entendida como a iniciação do rito de masculinidade. Este rito foi evidenciado por Porto e Santos (2007, p. 139-140) em uma imagem que, apareceu um menino em meio a religiosos, também, em um rito institucional em ação de graças às formandas da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual Escola de Enfermagem Anna Nery, em 1925.

Os autores ao analisarem a imagem descrita acima, inferem que a presença de um menino em meio ao registro fotográfico, se refere a vestígios da dominação masculina desde a infância como estratégia de preservação do

poder pelo masculino (PORTO E SANTOS, 2007, p. 140).

Bourdieu cita que o início da dominação masculina ocorre por meio da representação do rito de masculinidade, no sentido de garantir a dominação masculina, incitando-o e preparando-o para enfrentar o mundo exterior (BOURDIEU, 1995, p. 35).

Ao articular o achado do estudo de Porto e Santos (2007) e mais o referencial teórico, é possível se afirmar que, o mesmo pode ser interpretado com o menino retratado no fac-símile de número cinco.

Outra vertente para a interpretação da presença do menino, na imagem, pode ser dada no sentido de se tratar de uma criança, que em meio ao *click* fotográfico surgiu para compor a imagem, considerado como uma travessura. Ainda pode se entender como possibilidade de ser filho ou parente da formanda.

Destaca-se que quando o menino mira seu olhar para a lente fotográfica, segundo os pesquisadores Fonseca e Rosa, em “Nos Bastidores de um vídeo etnográfico” (1998), isso aconteceria em virtude da presença de equipamentos fazerem com que haja mudança no comportamento das pessoas. Isso porque, além da máquina chamar muito a atenção, capta dados além da intencionalidade de quem os registra.

A atenção voltada ao fotógrafo do menino, corroborado ao fato de uma criança do sexo masculino no rito institucional, coligi a ideia da iniciação da dominação masculina. Isso porque mostra sua atenção ao momento do registro fotográfico de entrega do certificado, da competência técnica, à uma mulher pela figura de um homem militar, o que também inculca a ideia da imagem a ser seguida pelo futuro homem.

Seja qual for à interpretação, fato é que o menino se encontra em meio à imagem clicada, e sua aparição no texto imagético se torna instigante para os pesquisadores na área das ciências sociais.



Fac-símile nº. 06 – Capa da Revista da Semana (Revista da Semana, 08/06/1918, capa)

O fac-símile de número seis foi capa da Revista da Semana, do mês de junho de 1918 – período de término da I Guerra Mundial e início da Gripe Espanhola.

A imagem é do tipo posada, retangular, de plano central, sentido horizontal. O fundo retratado é, possivelmente, artificial, com a presença de uma mulher com vestes claras, véu na cor clara com o símbolo da cruz ao centro da frente.

Ao enquadrar na capa de uma revista de grande circulação à época, a imagem de uma mulher Enfermeira, ou nela inspirada, da Cruz Vermelha Brasileira, é possível inferir a intenção da materialização da Instituição para com a sociedade, e firmar o prestígio destas em tempos de guerra, seja pela própria Cruz Vermelha ou pelo editor que desejava dar relevo a Instituição, bem como chamar a atenção dos leitores(as) da revista, no que poderia traduzir na linguagem comercial, a venda de mais exemplares.

A inferência pode ser feita com base no que relata Bourdieu sobre onde se publica. A escolha de um lugar de publicação, editor, revista, galeria, jornal, só é tão importante porque, a cada autor, a cada forma da produção e do produto corresponde um lugar natural no campo da produção. Além disso, os produtores ou os produtos que não estão no devido lugar, como se diz, “deslocados”, estão mais ou menos condenados ao fracasso (BOURDIEU, 2004, p. 57).

A imagem da capa da Revista da Semana retratada pelo fac-símile número seis, pode ser enquadrada num texto imagético do tipo dissertativo, que analisa, interpreta, explica e avalia dados da realidade, aplicado à ciência, à filosofia e aos editoriais de jornais (PLATÃO E FIORIN, 2000, p. 253).

O texto dissertativo, por mais que seja abstrato, ele consegue explicar dados concretos, que podem ser observados (PLATÃO E FIORIN, 2000, p. 253). Dados estes, como é o caso do símbolo da cruz da Instituição da Cruz Vermelha Brasileira ostentada na imagem de uma mulher veiculada na capa da Revista da Semana.

A imagem de mulher que ostenta atributos da Cruz Vermelha se encontra com *hexis* corporal de mãos juntas sob o rosto, escondendo os dedos

polegares, mas com destaque para o dedo anelar, da mão esquerda, com uma aliança.

A simbologia da aliança é muito forte, unindo-as lado a lado formam o símbolo do infinito. O material geralmente é o ouro, prata ou platina por serem duradouros, o que faria referência ao relacionamento entre duas pessoas. (CUBO, 2008, p. 08)

Para Cubo (2008), outra simbologia é o posicionamento do uso, desse anel ser usado no quarto dedo da mão esquerda, pois nesse dedo passa uma veia que vai direto para o coração. As alianças neste dedo são usadas pelas mulheres casadas ou pelas Irmãs de Caridade.

Para tanto, pode-se entender que ao usar uma aliança no dedo anelar esquerdo, se faz inferência a uma mulher casada, seja com homem ou com Deus, e esta última, aproximando a enfermeira à religiosidade. Ao articular isto, com os ideais da Cruz Vermelha Brasileira, principalmente a caridade, esta imagem se faz cogente.

A *hexis* corporal, de mãos juntas sob o rosto, pode ser lida na linguagem corporal, segundo o estudo da pesquisadora Anna Guglielmi (2009). Esta autora, ao relatar sobre postura, pode explicar a *hexis* corporal da mulher que se encontra na imagem, se referir às pessoas ansiosas. Isso porque ao entrelaçar as mãos, as pessoas conseguem ter suporte emocional para aliviar a ansiedade, o que a conduz a manter as mãos juntas e apertadas.

Além disso, a pesquisadora afirma que, ao evidenciar os dedos polegares, tenta-se chamar a atenção para si; ao contrário, escondê-los entre

os outros dedos, afirma-se a necessidade de não ser observado (GUGLIELMI, 2009, p. 139, 171).

Para Bourdieu (2009, p. 120), o corpo crê naquilo que expressa. Ao articular a interpretação da imagem da capa segundo Guglielmi com o referencial teórico, pode-se inferir que a mão da mulher na imagem acima pode ser entendida como de ansiedade.

Ainda, no que refere a *hexis* corporal em apreço, cabe registrar que àquela mulher sustenta a cabeça com as mãos. Anna Guglielmi cita que a mão encostada no rosto para sustentação da cabeça é uma maneira de se esforçar para a escuta, ou prestar atenção em algo que acontece ao seu redor (GUGLIELMI, 2009, p. 184).

Para tanto, Bourdieu (2009, p. 128-131) descreve que o *habitus* é uma metáfora do mundo dos objetos, que a manipulação simbólica da experiência corporal tende a impor sua integração no espaço corporal, em especial no social. Isto remete ao homem ligado à política e a mulher ligada ao lar, fazendo construir a imagem de si no mundo para a masculinidade e feminilidade, com base no princípio de divisão fundamental do mundo social e simbólico.

Entendendo-se a imagem de mulher sendo capa de uma revista, em síntese, atenta, representando suas qualidades, ditas naturais para época, cabia a ela transmitir a mensagem ao leitor de docilidade. Elemento que era imposto, por meio das representações mentais integradas no espaço corporal e social do feminino.

O olhar da imagem da mulher na capa da revista é direcionado para baixo, e sombras são identificadas, que podem ser manchas lívidas na face.

Estas manchas só puderam ser identificadas em virtude do contraste com a cor clara.

O psicólogo americano William James escreveu, em 1890, que as cores só poderiam ser percebidas em contraste com outras cores. Logo, não era possível identificar o contraste sem o seu oposto. O preto só pode ser percebido em contraste com o branco (MITCHELL, p. 39-55 e 49, 2001).

Esse contraste identificado como manchas lívidas abaixo do globo ocular da imagem da mulher, na voz corrente são denominadas de olheiras. Estas são entendidas como expressão facial de cansaço, ansiedade e melancolia, que ao contextualizar a época, pode-se interpretar por meio dos fatos históricos ocorridos no mundo – I Guerra Mundial – o cansaço que as mulheres se encontravam na labuta, fosse no meio rural, urbano e no *front*, em especial, no atendimento aos acometidos pelo conflito.

- Capítulo 4 -

REPRESENTAÇÕES OBJETAIS DAS ENFERMEIRAS E SEUS EFEITOS PARA A REPRODUÇÃO DA CRENÇA SIMBOLICA NA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

Introdução

Este capítulo versa na análise das representações objetais ostentadas nos corpos das Enfermeiras para a discussão no sentido de produzir os efeitos simbólicos na reprodução da crença simbólica da Cruz Vermelha.

Para tanto, se caminhou no sentido de desvelar o uniforme e desmontá-lo para decodificar os significados para a produção de sentido, que visou clarificar as agentes sociais mensageiras institucionais como reprodutoras da crença simbólica na Cruz Vermelha.

A reprodução da crença foi evidenciada mediante as noções de *hexis* corporal e *habitus*, principalmente, aplicada nos capítulos anteriores, que conduziu a construção adaptada de um esquema sinóptico como representação do círculo da crença.

O uniforme

O uniforme é um padrão de vestuário usado por membros de uma dada instituição, durante participação em atividades organizadas por elas. Alunos de escolas frequentemente utilizam uniformes. Performadores de atividades, religiosas, quase sempre utilizam padrões de vestuário. Uniformes modernos são usados por forças paramilitares, tais como: polícia, serviços de emergência, seguranças e por prisioneiros. Além disto, muitos trabalhadores dos estabelecimentos, industrial e/ou comercial, também, utilizam uniformes (CRANE, 2006, ROCHE, 2007).

Mediante o que as autoras supramencionadas, em síntese, discursam, entende-se que as roupas possuem certa hierarquização. Esta hierarquização, no presente estudo, será aplicada na utilização dos uniformes, como estratégia de distinção que se denominou distinção hierarquizada.

A distinção hierarquizada, que se observa entre os uniformes das alunas dos Cursos de Enfermeira Voluntária e de Profissional, traduz a posição que elas exercem no espaço da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Esta distinção hierarquizada faz a comunicação coletiva do simbólico, que pode ser aplicado, por exemplo, aos trajes militares que identificam as patentes, que no período delimitado neste estudo, faz jus à lógica na hierarquização das Enfermeiras Profissionais, que possuíam uma carga de conteúdo de conhecimento com maior aprofundamento do que a das Enfermeiras Voluntárias.

Os uniformes das Enfermeiras da Escola Prática de Enfermeiras Cruz Vermelha Brasileira, por dedução, se traduz os atributos morais e sociais das mulheres com hierarquização entre elas para a sociedade, como também os atributos da Instituição que representavam.

As mangas dos uniformes das Enfermeiras variavam entre curtas, de três quartos e longas. Vale a pena salientar que, perpassando o período de 1520-1785, as mangas nos vestuários femininos desempenhavam a função de balancear a silhueta, tornando-as volumosas para combinar com as saias cheias e realçar a linha da cintura ou o torso alongado (LEVENTON, 2009, p. 288).

Nesta ótica, as mangas na história do vestuário são elementos simbólicos que contribuem na identificação sobre o período que as roupas advêm, que no caso dos uniformes das enfermeiras, ao contrapor o clima quente do Rio de Janeiro, acredita-se que as mangas curtas ou de três quartos fossem as mais adequadas em detrimento às mangas longas, usadas mais para atividades sociais.

Outro argumento para a variação das mangas, em especial, para as longas, a ser percebido como proteção de parte do corpo durante os cuidados, pode ser entendido na preservação da honra, tapando boa parte do corpo destas mulheres, como também forma de proteção em relação ao sangue e aos fluidos emanados dos corpos dos doentes.

Os uniformes dos médicos da Cruz Vermelha se distanciavam do formato das Enfermeiras; eram compostos por calças e jaleco, abaixo dos joelhos, com mangas compridas e também possuíam gorro com o símbolo da cruz ao centro da frente (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 199, 224).

Vale destacar que nos uniformes dos médicos não tinha o véu, e o gorro era um pouco menor, cobrindo o topo da cabeça, o que pode coligir na ideia do poder masculino, ou seja, o homem não precisaria esconder sua sexualidade embaixo do véu e de sua vestimenta.

Outro ponto relevante, é que os médicos usavam seus uniformes nas atividades práticas, ou seja, enquanto atendiam aos enfermos, seja no Dispensário Médico Cirúrgico da Cruz Vermelha Brasileira ou em outra instituição afiliada.

As Enfermeiras usavam seus uniformes na Escola, em ritos institucionais e em serviços da Cruz Vermelha Brasileira, diferentemente dos médicos, na

maioria das vezes. Infere-se, neste sentido que, o poder de reconhecimento social atribuído às Enfermeiras era de relevo para sociedade, como agentes sociais mensageiras da Instituição

Considerando o poder de reconhecimento das Enfermeiras, atribuído pela credibilidade social, a cor branca do uniforme e o símbolo da cruz na cor vermelha, entende-se que quando elas em atividades no espaço social – público, privado e institucional – ostentavam a bandeira da Cruz Vermelha na envergadura de seus corpos como assinatura imagética institucional.

Desmante dos Uniformes

O uniforme é a representação objetual que as Enfermeiras ostentavam em seus corpos conforme visto no capítulo anterior ao serem veiculados na imprensa ilustrada e que a partir deste momento, será desmontado para decodificá-lo no sentido de apreender os seus significados.

Para tanto, o quadro demonstrativo de número quatro se refere as representações objetais das imagens dos fac-símiles veiculados na Revista Fon Fon e da Semana.

Quadro demonstrativo nº. 04 - Representações objetais ostentadas pelas enfermeiras nas imagens dos *fac-símiles* veiculados na Revista da Semana e Fon Fon.

Numero da imagem do Fac-símile	Representações objetais ostentados pelas enfermeiras
Fac-símile de nº. 1	Uniforme: véu, símbolo da cruz, mangas, gola, sapatos
Fac-símile de nº. 2	Uniforme: mangas, gola, véu e símbolo da cruz, sapatos
Fac-símile de nº. 3	Uniforme: mangas, gola, avental, véu, símbolo da cruz;
Fac-símile de nº. 4	Uniforme: vestido, gola, véu, e símbolo da cruz
Fac-símile de nº. 5	Uniforme: vestido, véu, gorro e símbolo da cruz
Fac-símile de nº. 6	Uniforme: véu, símbolo da cruz, gola, mangas.

Fonte: Matriz de Análise.

A gola exposta nos uniformes foram representações objetais que veicularam na maioria dos fac-símiles oriundos da Revista da Semana e Fon Fon.

Nas modelagens dos uniformes foram identificados alguns tipos de gola, ora em formato de “V”, ora em “O”, justa ou distante do pescoço e com colarinho. A gola na indumentária feminina, no período de 1550-1650, era considerada objeto importante como acessório de pescoço nos vestuários, os quais sobressaiam nas vestes, fossem decotadas, de colarinho, franzido, rufada, *supportasse*, confeccionadas em renda ou linho engomado (LEVENTON, 2009, p. 304-305). A gola, acessório que traduzia a grandiosidade que oferecia à indumentária das Enfermeiras, como representação objetiva, pode-se inferir ser possuidora de *status*, logo, representação de poder simbólico.

Segundo o Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923, p. 193), a gola das Enfermeiras, seja oriunda do Curso de Enfermeira Voluntária, seja de Profissional, são em “O”, entretanto, a gola das Voluntárias eram mais justas ao pescoço em relação aos das Profissionais.

Nos trajes das Enfermeiras, o tipo de gola se confundiu e deixa transparecer, que, apesar de certa padronização que a literatura institucional apontou, entende-se que ela fosse para tendê-la de forma confortável ao cuidado prestado, bem como preservar a mulher no que se refere ao colo do peito. Esta parte do corpo que denota sexualidade, que nesse caso, deveria a mulher preservá-lo, no sentido de não despertar naqueles que fossem atender a curiosidade ou a libido.

O avental, apesar ser ostentado, por meio das Enfermeiras, apenas no fac-símile número três, e de não ser mencionado nos Estatutos da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira como componente do uniforme, é de relevante destaque.

Este acessório é visto nos uniformes das Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual Escola de Enfermagem Anna Nery, e foi analisado pelo Fernando Porto (2007, p. 120) sob o significado relacionado a trabalhos manuais, e na Enfermagem, ao trabalho prestado aos enfermos.

Segundo Leventon (2009, p. 290), o avental, como acessório da moda, foi introduzido no fim do século XVII para demonstrar sua posição social por meio dos materiais e bordados na peça, sendo usado sobre um vestido de peça única. Todavia, seu uso foi bem antes daquele que evidenciava o *status* para o estrato social, sendo seu uso no sentido de não desgastar a roupa e de proteção para as atividades de limpeza cotidianas realizadas pelas mulheres.

Para as camponesas esse acessório era essencial em seu trabalho e para trajes regionais é símbolo de tradicionalidade. As Enfermeiras ao serem retratadas em meio a camponesas, como demonstra o fac-símile número 02, e em seguida, no fac-símile número 01, elas aparecem com avental, pode denotar comparação das Enfermeiras com as camponesas, traduzindo àquelas, instrumento de trabalho manual como destas.

Porto (2007) ratifica com o significado de trabalho manual para o avental, ou seja, do cuidado aos enfermos, acrescentando como uma tradição do mundo privado ao representar a trajetória da história das mulheres.

O véu na língua portuguesa possui diversos significados, sendo conceituado como tecido que serve para cobrir e proteger alguma coisa. Pano

transparente, em geral de renda, que as mulheres usam para cobrir o rosto, a cabeça, ou ainda como adorno.

Ele, como elemento simbólico nas mulheres formadas pelo Curso de Enfermeira Voluntária, na trajetória histórica do acessório, traduz significações religiosas e civis para com Deus, como sinal de dependência, de pudor e de honra e, também, considerava-se o véu um sinal de subordinação da mulher ao marido. (PERROT, 2007, p. 56).

Este imprimi mensagem dependendo da cultura que pode ocupar, que não é nossa intenção, como bem a fez Michelle Perrot – pioneira do movimento de historiadoras que dão às mulheres e aos homens a dimensão da ação das mulheres no passado, a evolução de seu *status*, dentre outros elementos em valorização da mulher em uma discussão de gênero – em sua obra “Minha história das mulheres”, mas que não pode-se deixar de registrar que, o véu é um elemento simbólico de dominação das mulheres e seu corpo no sentido que “*eu te ponho o véu porque tu me pertences*” (PERROT, 2007, p. 56-58).

O véu escondia a dualidade simbólica que o cabelo representa. Uma cabeça cheia de cabelos pode denotar beleza ou obscenidade, brandura ou poder, sensualidade ou santidade. Os egípcios ao raspar a cabeça, ou os monges quando o faziam, buscavam a simbologia de autoridade e de santidade (MANGUEL, 2006, p. 123).

Os cabelos cobertos com o véu das Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira podem ser atribuídos, pelo menos, dois significados, o de esconder o poder simbólico destas emitidos por seus cabelos, caracterizando a dominação masculina, e o de aproximação à imagem desta Enfermeira a santidade.

Para Martins (2004, p. 27), os corpos feminino e masculino eram a expressão de ordem natural e hierárquica, que organizava o cosmos e o mundo dos seres vivos. Citado pela autora, nos textos de Galeno e Aristóteles, que se baseavam em calor vital, entende-se que no ápice da cadeia dos seres vivos estava o homem, por sua natureza quente e seca, seguido da mulher, hierarquicamente inferior por ser considerada mais fria e úmida.

Seguindo esta ideia, ao colocar o véu na mulher, o homem consegue sua afirmação de superioridade sobre o sexo oposto, e desta maneira, caracteriza a submissão feminina por meio de uma profissão, que no estudo se vê nas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira em formação em tempos de guerra.

Em contrapartida, o véu que as Irmãs de Caridade usavam/usam nos conventos, lugar de abandono e confinamento, pode representar também refúgio contra o poder masculino e da família, e assim, autorização da mulher sobre suas escolhas e ações. Entretanto, vale destacar que, essas escolhas e ações são subordinadas a Deus, caracterizando mais uma vez, implicitamente, a submissão feminina (PERROT, 2007, p. 84).

O véu, também, pode revestir-se de outro sentido no uso que as mulheres fazem dele, podendo representar proteção, um viático, uma peça de vestuário, um meio mais seguro de circular num bairro ou numa cidade que sejam hostis, escapando ao olhar do outro (SOHN, THÉLAMON, 1998, p. 251-312).

Ao articular estas assertivas, pode-se entender que o homem, por meio da representação de proteção, consegue, ao colocar o véu na mulher, domínio masculino e subordinação feminina. Visto que sendo ele o sujeito que a impõe

o véu, no significado de proteção, o homem é o detentor do poder de protegê-la.

Além do que já foi exposto sobre o véu, ainda, se pode citar na leitura da moda, que ele tem o significado de máscara, por ocultar a identidade e libertar da obrigação à mulher ser ela mesma, em detrimento de alguma ocasião social, cultural ou religiosa (FISCHER-MIRIKIN, 2001, p. 238).

A liberdade transparece na moda, de mãos dadas com os outros sistemas artísticos, como a arquitetura e o design, ou seja, as chamadas artes aplicadas. Entretanto, no âmbito da vestimenta, a moda reafirma a liberdade do ser humano de criar a própria pele, não a primeira, dada biologicamente, mas a segunda gerada por sua imaginação e fantasia (SOUZA, 2001, p. 81).

O véu também traduz, então, a fantasia do inesperado. A mulher sob a representação objetual do véu consegue esconder o que não é para ser mostrado, ou simplesmente detém o poder de mostrar o que ela quer. No caso deste estudo, pode-se entender que pela posição social a qual a mulher ocupava, de subordinação masculina, somadas às necessidades da Enfermagem, faz do uso do véu um instrumento de trabalho e social.

A cruz que aparece nos véus das Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira é outra representação objetual ostentada por estas mulheres em seus uniformes.

Segundo Porto (2009, p. 59), os formatos geométricos das cruzes como representações objetais ligadas à Enfermagem, também causavam certa confusão com o símbolo das Sociedades da Cruz Vermelha. Com isso, para criar a distinção desta cruz utilizada pela Cruz Vermelha, que assinava

imageticamente a Instituição, criou-se uma legislação própria para a sua utilização, a saber:

Artigo 3º - O emblema da Cruz Vermelha sobre o fundo branco e as palavras CRUZ VERMELHA não poderão ser empregados, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra, senão para proteger ou designar os productos ou estabelecimentos sanitários, o pessoal e material protegido pela Convenção (artigo 23 da Convenção de 06 de julho de 1906).

Parágrafo Único – É expressamente proibido o uso do emblema da Cruz Vermelha como marca de fábrica ou commercio. Para que se dê a imitação, não é necessário que as semelhanças, a possibilidade de erro e confusão, sempre que a diferença das duas marcas não possam ser reconhecidas, sem exames attento ou com "front"ação (...)

Artigo 8º - Esta lei se aplica ao uso do signal da CRUZ VERMELHA pelos militares na forma das leis e regulamentos relativos ao Exército e à Armada (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 52).

A cruz se encontra presente em outros artefatos, que a engrandeceriam, desde a cruz de Jesus Cristo crucificado, à condecorações oferecidas a personalidades ilustres. Florence Nightingale recebeu da Rainha Vitória um broche, em 1856, por seus feitos na Guerra da Criméia, este possuía em seu interior o símbolo da cruz (MASSON, 1985, p. 67).

O símbolo da cruz utilizado pela Cruz Vermelha Brasileira representou/representa uma forma simbólica de comunicação visual. Esta representação foi como um instrumento de integração social, por meio da lógica e da sua condição moral (BOURDIEU, 2003, p. 10).

Com isso, a cruz nos trajes da Enfermeira da Cruz Vermelha, juntamente com a prática da caridade e da bondade, tornava possível por esta comunicação visual, contribuir para a produção da crença como instrumento de integração social.

Essa cruz, que se expõe nos uniformes e em outros meios de representação da Cruz Vermelha se assemelha a cruz de Cristo, a mais famosa das cruzes, que por meio de Constantino em seus feitos, levou como símbolo da cavalaria cristã (POLIANO, 1986).

Coadunando a isto, as ideias da Cruz Vermelha e a caridade sendo base inspiradora de toda a obra desta Instituição, poderia levar a inferência de um símbolo cristão para uma instituição filantrópica. Entretanto, consegue-se discordar quando, no Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923, p. 05) relata que, por a Cruz Vermelha não conhecer fronteiras, sejam elas sociais, políticas raciais ou de religião, esta ligação seria imprópria.

Um dos propósitos do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, criado pela revisão realizada da Convenção de Genebra (1864) no ano de 1906, era o de difundir a Cruz Vermelha em todos os países no mundo. Para isso, se utilizaria de um símbolo internacional, que conseguisse impor respeito e proteção – a cruz na cor vermelha. (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 03-06).

A cor vermelho que, na simbologia, é também denominada goles, significando o valor, o atrevimento, a ousadia e o fogo. Em contrapartida, se desenhada em tons sanguíneos, representa a justiça, a liberdade, a abundância, a boa linhagem, a honorabilidade e a dignidade (RAMPONI, SANNA, 2006, p. 53).

A cruz na cor vermelha da Cruz Vermelha Brasileira, representada na vestimenta das Enfermeiras em processo de formação, e formadas, pela Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, em tempos de

guerra, pode querer representar por meio da Instituição, a neutralidade, um de seus ideais, para estabelecer a honra e a liberdade.

É pertinente ressaltar também a cruz na indumentária destas Enfermeiras na cor vermelha, caracterizando representação objetual desta Instituição. A cor vermelha, a despeito de sua conotação política trivial, ainda retém seu sentido de perigo e de sangue, e também é associado aos mártires (MANGUEL, 2006, p. 50-51).

Depreende-se, então, que ao utilizar a cor vermelha na cruz dos uniformes das Enfermeiras, em tempos de guerra, esta associação compõe o cenário de batalha, os feridos, e ao sangue que deles se esvaem, como também, a representação mental de heroínas nos cuidados a estes feridos.

Para que um grupo possa ser conhecido e reconhecido como legítimo, que sejam facilmente identificados com a dignidade do poder, deve expor seus emblemas, compostos por símbolos que o representem, e que justifiquem seus mandados em seu nome. (BOURDIEU, 1996, p. 103). Essa autoridade não é outra coisa senão um crédito junto a um conjunto de agentes que constituem relações, tanto mais preciosas, quanto maior for o crédito de que eles próprios se beneficiam (BOURDIEU, 2004, p. 24).

As Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, ao se trajarem com suas vestes na cor branca, não teriam o reconhecimento pela sociedade da Instituição que as gerou, mas, ao emblemar o uniforme destas Enfermeiras com o símbolo da cruz na cor vermelha, proporcionava, em seus corpos convertidos também em símbolos, agentes mobilizadores, difundindo a Instituição.

Os sapatos das enfermeiras aparecem nos fac-símile números 01 e 02, e por vezes se mostram na cor clara, e outras na cor escura. Segundo imagens de enfermeiras no Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923, p. 193), os sapatos das Enfermeiras da Instituição eram da cor escura. No Regimento da Instituição não consta em qual cor deveria se apresentar.

Sendo assim, infere-se que, os sapatos em cor clara pode ter sido direcionado ao uso das alunas, e quanto enfermeiras formadas, estes sapatos seriam na cor escura.

As flores, na ótica de Bourdieu (1996, p. 158), traduz o que ele chama de economia da oferenda. Isto é, o tipo de transação que se instaura entre a igreja e os fiéis, que transpassada as flores oferecidas pela Enfermeira pelo fac-símile número dois, estabelece o intuito de doação aos mais necessitados, provavelmente, foco da festa exposta pela imagem.

O símbolo da cruz nos uniformes das Enfermeiras associado às flores presentes em suas mãos, no fac-símile número dois, poderiam traduzir à Instituição fartura, já que as flores transmitem esta mensagem. Entretanto, quando as flores são inseridas no contexto da imagem, consegue-se observar, associando a presença das camponesas, terem intenção contraditória.

As camponesas, na visão da época do estudo, eram mulheres que exerciam função de cuidado da casa, da criação dos animais, a galinheiro, a horta, e por diversas ocasiões, os produtos colhidos, eram, pelas camponesas, vendidos em feiras livres (PERROT, 2007, p. 111).

As flores, a Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira e um evento público possibilitam, possivelmente, a assertiva sobre o reforço da crença simbólica voltada para a caridade e a bondade, e ao instituir tal crença, a Cruz

Vermelha Brasileira se reafirma na sociedade, bem como traduz na Enfermeira o conceito Institucional.

A utilização das flores também é observada no fac-símile número quatro, no rito institucional de descerramento do quadro a óleo do general Thaumaturgo de Azevedo. Neste fac-símile às flores conseguem exercer não uma significância para oferendas ou donativos, mas de engrandecimento e fartura Institucional.

Nesta articulação das flores com o rito de descerramento do quadro a óleo do general, é possível coligir que as flores são um meio de sensibilidade que buscam resgate dos sentimentos dos que participam do momento, ou seja, este atributo de paisagem consegue possibilitar, além da decoração, valorizar a Instituição que promove o evento, como também, os sentidos que esta produz na formação da crença na Cruz Vermelha Brasileira.

Vale enfatizar que a cruz é uma representação objetual marcante da Cruz Vermelha, como assinatura imagética desta Instituição, já que as representações objetuais tendem a determinar a representação mental, que é construída em cima destes atributos. Sendo assim, observa-se a posição ocupada desta Instituição por uma definição de identidade organizacional na sociedade, com a luta pelo seu reconhecimento (BOURDIEU, 1998, p. 108)

É do desejo de retratar fielmente a realidade, que as fotografias, origem dos fac-símiles deste estudo, trazem uma interpretação desta mesma realidade, já que ao mesmo tempo em que apresenta o referente, o representa por meio de uma linguagem codificada, invalidando a ambição de cópia fiel do que é real. A fotografia é sempre outra coisa, uma imagem, um signo (MAUAD, 2008, p. 95).

Ao pensar em fotografia como meio de representação, não se pode dissociá-la do ato que a fundamenta, o *habitus*. Para Pierre Bourdieu (1982), *habitus* é definido como um sistema de estruturas interiorizadas e “*condição de toda objetivação*”. Muito mais do que uma mensagem que se processa através do tempo, a fotografia atualiza, no tempo, o referente que o engendrou.

A necessidade de considerar a dimensão pragmática, antes mesmo de compreender os atributos semânticos da mensagem significativa, de classificação, e por que não de memória, relacionada à imagem das fotografias, é possível enxergar a representação e o *habitus* que delas emanam.

As imagens mentais são geradas pela opinião do público que lia a Revista da Semana e Fon Fon, ou seja, em especial, por um grupo de mulheres, pertencentes à sociedade da época. Essa opinião pública é esclarecida por Pierre Bourdieu (2008, p. 37) com caráter seletivo em sua constituição, já que o público é distinto e diferenciado.

Corroborado a isso, Champagne (1996) cita que a opinião pública não é o somatório de consensos mínimos obtidos a partir do embate democrático entre os diversos sujeitos, mas a expressão de grupos considerados competentes para a organização de uma determinada opinião.

No fac-símile número 03 e 04, não se identifica o braçal da Cruz Vermelha, que as aspirantes obteriam na formatura, o que causou estranheza. É uma representação objetual desta Instituição, que traduz neutralidade no cenário de guerra, e também, uma maneira de demonstrar o poder simbólico, que nas palavras de Bourdieu “não há poder simbólico sem uma simbologia do poder”. (BOURDIEU, 1998, p. 63),

Ao observar estas mulheres, pode-se evidenciar que eram aspirantes do Curso de Enfermeira Voluntária da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira. Isto porque segundo o Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1923, p. 193), os uniformes entre as aspirantes eram diferenciados. As do Curso de Enfermeira Profissional tinham como uniforme vestido abaixo do joelho, mangas curtas, avental, véu e a cruz na cor vermelha no centro do gorro.

Já àquelas do Curso de Voluntária, o uniforme era um vestido de mangas longas, comprido, véu com o símbolo da cruz ao centro da frente. Ao se formarem, recebiam um braçal, com a cruz na cor vermelha.

O fac-símile número seis é a capa da Revista da Semana com uma mulher em trajes semelhantes à de uma Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, principalmente pelo símbolo da cruz e o véu. Além disso, aparece com um vestido com decote no formato em “v”, mangas longas, aliança no dedo anelar esquerdo.

Efeito da reprodução da crença simbólica na Cruz Vermelha

A imagem seja uma produção consciente e inconsciente de um sujeito é um fato, que ela constitui uma obra concreta e perceptível, bem como mobiliza, tanto a consciência, quanto o inconsciente, de um leitor ou de um expectador inevitavelmente. (JOLY, 2006, p. 44).

Mediante a *hexis* corporal, *habitus* e as representações objetais ostentadas nos corpos das Enfermeiras da Instituição, foi produzido de forma adaptada, com base no esquema sinóptico de Bourdieu, a representação da reprodução da crença simbólica, como efeito do engendramento das agentes

sociais mensageiras da Instituição, faziam para produzir sentido de poder e prestígio

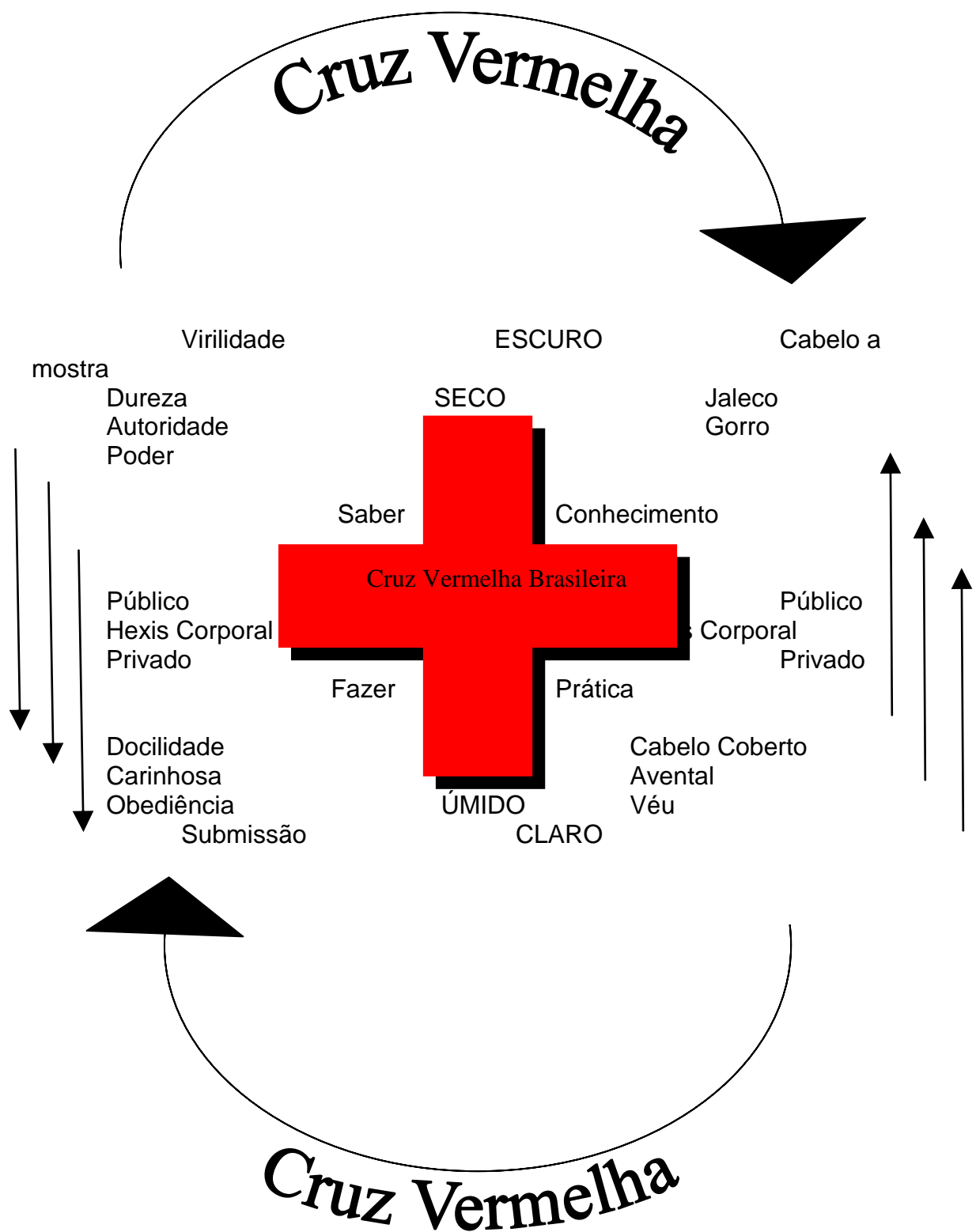


Figura Nº. 04 – Esquema Sinóptico – Círculo da Crença Simbólica

O círculo da crença simbólica, para Pierre Bourdieu (2004, p. 23) se dá pela determinação de onde vem o poder de consagrar o agente mensageiro no campo, e este reproduzir crença para si, e para quem representa, sendo reconhecido pelos outros agentes.

Ao visualizar o esquema sinóptico, produzido com a finalidade de entender a reprodução da crença na Cruz Vermelha, entende-se a Enfermeira desta Instituição como sua agente mensageira, que por meio desinteressado e irrefletido na visão da sociedade, acompanhados da fé depositada, traduzem a autoridade de reproduzir a crença.

Esta autoridade não é outra coisa senão o crédito junto a um conjunto de agentes que constituem relações, tanto mais valiosas, quanto maior for o crédito, que eles próprios se beneficiam (BOURDIEU, 2004, p. 24).

É evidente que os que criticam este poder ou esta autoridade no campo colaboram com a materialização desta crença. Então, quando as Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, orientam a escolha da sociedade, direcionada pela *hexis* corporal e pelo *habitus*, ostentada por meio das representações objetivas, traduzem o tipo ideal de profissional para a Instituição.

E para que isso ocorresse, esta Enfermeira (mulher) sai do contexto do cuidado privado para o público, e o utiliza como meio de divulgação da reprodução da crença na Cruz Vermelha, e retorna na crença desta Enfermeira com vereditos estéticos acompanhados dos efeitos econômicos de guerra.

Disto, surge o que possibilita e sustenta a reputação de uma representação na reprodução da crença, que se dá pelo sistema das relações objetivas entre esses agentes ou instituições e espaço das lutas pelo

monopólio do poder de consagração em que, continuamente, se engendram o valor das representações e a sua crença (BOURDIEU, 2004, p. 25)

A imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira ao ser veiculada nas revistas de circulação, na capital federal, à época da I Guerra Mundial, conseguiu reproduzir a crença na Instituição de âmbito nacional e internacional, e ao mesmo tempo, em si, com a autorização masculina dos militares e/ou dos médicos sob o *habitus* da Enfermeira da Cruz Vermelha.

Em síntese, a Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, como agente mensageira Institucional, ao reproduzir a crença simbólica da Instituição fez com que ocorresse a produção da crença simbólica da Cruz Vermelha Internacional. Nesta lógica, sua função foi de mediadora dos interesses Institucionais, tendo como efeito produzir sentido de credibilidade e manutenção dos ideais depositados na sociedade, se fazendo ver e se fazendo crer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto social, entre os anos 1914 e 1918, contexto da I Guerra Mundial, impulsionou a profissionalização da Enfermagem no campo da saúde. Esse impulso veio acompanhado da reprodução da crença simbólica na Instituição Cruz Vermelha, pelo reconhecimento social, por meio das imagens de Enfermeiras dos Cursos de Enfermeira Voluntária e Profissional da Cruz Vermelha Brasileira, veiculadas nas Revistas da Semana e Fon Fon.

A Cruz Vermelha foi idealizada, 1859, por Jean Henry Dunant em meio a conflitos bélicos, e criada em 1863. Com o passar dos anos, ela foi sendo difundida nas Américas, e no Brasil, desembarcou em 1893 - afirmativa ratificada pelo discurso de Joaquim Nabuco no período da Guerra dos Farrapos. Entretanto se torna de fato criada, em 1908, e regulamentada, em 1910, como precaução para iminência da I Guerra Mundial.

A Cruz Vermelha Brasileira surgiu no país sob o espectro dos ideais de seu criador, logo, sob as representações objetais inerentes a esta Instituição, acompanhadas das cores vermelha e branca, ostentadas em sua bandeira. Esta traduzia o ideário de Dunant, quando se entende o branco como paz e o vermelho como o sangue dos corpos dos feridos em batalha. Isso ratifica a compreensão do voluntariado ser a palavra que segue esta bandeira, já que a intenção Institucional é atender os feridos em tempos de guerra e calamidades, e prestar serviços em tempos de paz.

Outro entendimento que obtive sobre esta representação objetiva foi a tradução que ela exprimi pelos seus antecedentes. Pela herança da bandeira do Sacro Império Romano-Germânico para Suíça, e desta para Cruz Vermelha, a representação de liberdade e honra. Estas representações articuladas com

os ideais da Cruz Vermelha conseguiram como resposta as ações de voluntariado, foco desta Instituição.

Seguindo o pensamento central da Cruz Vermelha, a Instituição brasileira, no período da I Guerra Mundial, com a estratégia de atender a demanda interna do espaço do cuidar, idealiza a capacitação de mulheres que aspirassem ser Enfermeira neste contexto.

Para materializar essa proposta, as Damas da Cruz Vermelha Brasileira, por meio da instauração do Comitê Feminino, concretizam a criação do Curso de Enfermeira Voluntária em 1914, momento de eclosão da I Guerra Mundial, e as aspirantes e formadas, atuavam no Dispensário Médico Cirúrgico da Instituição. Entretanto, em 1916, um ano antes de o Brasil entrar na guerra (1917), a Cruz Vermelha Brasileira criou o Curso de Enfermeira Profissional, no mesmo momento em que criou a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, que abrigou os dois cursos.

O Curso de Enfermeira Profissional se mostrou distinto, em diversos aspectos, em relação ao de Voluntária, dentre eles: matérias, duração e objetivo.

As matérias do Curso de Enfermeira Voluntária eram direcionadas para cuidados ambulatoriais, ou seja, para atender os doentes do Dispensário Médico Cirúrgico, em contrapartida, as do Curso de Enfermeira Profissional eram para atendimento em Hospitais e Casa de Saúde.

A duração entre os dois cursos também eram distintas. Sabendo que o Curso de Enfermeira Voluntária se dava em 12 meses, e o de Profissional em 24 meses, entendi que isso se justificou pelas matérias destes cursos serem mais específicas em relação àquele.

Além disso, o objetivo de cada curso sustenta também este tempo de duração. Isso porque as Enfermeiras do Curso de Enfermeira Voluntária eram para atender a demanda interna da Instituição, e o Curso de Enfermeira Profissional, para demanda pública, pelas necessidades que se apresentavam em tempo de guerra e inserção da mulher no mercado de trabalho, no campo da saúde.

Destarte, essa distinção evidenciou que, quando se criou o Curso de Enfermeira Voluntária, pelas circunstâncias que o Brasil se encontrava, já deveria ter sido criado o Curso de Enfermeira Profissional, e desta forma estabelecer a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, que acarretaria no poder e prestígio na via da profissionalização da Enfermagem.

Por outro lado, acredita-se que o mesmo não tenha sido criado, em virtude dos interesses que se encontravam em jogo, ou seja, não se poderia colocar em risco a crença simbólica Institucional.

Ao escolher esse caminho, o de interesse na reprodução da crença simbólica, a Cruz Vermelha Brasileira garantiu poder e prestígio, por meio das Enfermeiras, como agentes mensageiras da Instituição, além de se estabelecer no campo da saúde.

A profissionalização dessas mulheres, na Enfermagem, permitiu que elas saíssem do meio privado, para o público, no momento em que sua formação direcionou para atendimento aos doentes em espaços como Hospitais, Casas de Saúde, e domicílios. Para tanto, se fazia cogente formar, também, o tipo ideal de Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, que foi observado no estudo por meio das imagens divulgadas na imprensa ilustrada.

Os fac-símiles totalizaram o número de 188, no período referente a I Guerra Mundial. Ao analisar o *corpus* do estudo, pode-se observar que, imagens de Enfermeiras, foram em maior quantidade na Revista da Semana (141:75%) em relação à Revista Fon Fon (47:25%). Outro ponto relevante foi o número destas imagens serem mais significativas em 1917, tanto para a primeira revista (54:28,72%), quanto para a segunda (20:10,64%), o que se justifica em virtude de ser o ano de entrada do Brasil no conflito.

Nestas imagens de Enfermeiras, o uniforme da Cruz Vermelha Brasileira era destaque, ostentando o símbolo da cruz na cor vermelha, no véu ou no gorro, como representações objetais, que assinavam imagetivamente a Instituição, em ritos Institucionais, o que coadunou na materialização da produção da crença simbólica nesta Instituição, ao ser veiculado na imprensa ilustrada.

Vale destacar que, as imagens das Enfermeiras retratadas nas revistas em ritos Institucionais deixaram transparecer uma opção acertada, como meio de veiculação para a visibilidade da imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira.

O tipo ideal de profissional, por meio da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, foi evidenciado nas representações objetais ostentadas pelas Enfermeiras, veiculadas nas Revistas da Semana e Fon Fon.

As noções de *habitus* e a *hexis* corporal foram aspectos marcantes que proporcionaram visualizar a dominação masculina na construção da enfermeira-tipo da Cruz Vermelha Brasileira.

As imagens publicadas possibilitaram decifrar, por meio dos elementos simbólicos, a estratégia utilizada por esta Instituição, para movimentar a

reprodução da crença simbólica. E para concretizar esta reprodução, a imagem da Enfermeira Voluntária – face interna da Instituição – é vista com o véu, que a sacraliza.

Ao sacralizar a Enfermeira, a Cruz Vermelha Brasileira consegue carrear junto a ela, predicados como a bondade e a caridade, que coadunam ao voluntariado, um dos ideais que são pilares desta Instituição. Além de encarregá-la, enquanto agente-mensageira, a transmissão destes atributos à sociedade.

As Enfermeiras Voluntárias, que em seus atributos pessoais tinham como composição o véu, eram diferentes em relação às Profissionais, que ostentavam o gorro. Isso denotou a modernidade do Curso Profissional, e a credibilidade, também nesta Enfermeira, de reproduzir a crença simbólica Institucional.

Esta crença simbólica, articulada ao investimento da Cruz Vermelha Brasileira, pôde-se entender o interesse institucional na formação em Enfermagem ser direcionada ao estabelecimento no campo da saúde. Vale realçar que, isso ficou claro quando se critica a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras não ser a adequada, ou eficaz, nos ensinamentos em Enfermagem.

E por meio das representações objetais mais significativas da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, ou seja, véu, gorro, símbolo da cruz e o uniforme, as Enfermeiras traduziam a Instituição nos locais que frequentavam, por conta dos uniformes ostentados nos corpos femininos.

O símbolo da cruz é polissêmico, podendo induzir o entendimento ao cristianismo, ou às ciências exatas. Todavia, o símbolo da cruz como

representação objetual da Cruz Vermelha, ostentados nos uniformes das Enfermeiras, permitiu, juntamente com a prática da caridade e da bondade, a comunicação visual para contribuição da produção da crença como instrumento de integração social.

As representações objetais nos uniformes ostentados pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira eram meio de autorização, desta agente mensageira, no campo, de refletir os ideais desta Instituição. Com isso, é possível entender que estas Enfermeiras vestiam a bandeira da Cruz Vermelha em seus corpos, reproduzindo a crença simbólica.

A produção da crença simbólica da Cruz Vermelha, no contexto histórico deste estudo, era baseada, principalmente, no voluntariado, que se sustentava pela caridade e bondade.

Isso convergiu a ideia que esta Instituição ainda não tinha os Princípios Institucionais, humanidade, igualdade, proporcionalidade, imparcialidade, neutralidade, independência e neutralidade, de forma definida. Isso faz acreditar que os ideais pré-existentes da Cruz Vermelha se sustentavam no voluntariado.

Para tanto, seria o voluntariado o ponto de partida, para posteriormente, se criar os Princípios, ou seja, estes surgiriam do desdobramento do ideal de voluntariado, pautado na bondade e caridade

A Cruz Vermelha Brasileira na formação em Enfermagem, e na saúde, tem sua atuação até os dias atuais, com investimento no curso técnico em Enfermagem, e cursos de Primeiros Socorros.

As aspirantes que cursam os cursos oferecidos por esta Instituição, são abordados para o interesse no voluntariado e para o uso do uniforme na sala de aula, e nos campos de prática.

Com isso, fica claro que a Cruz Vermelha Brasileira continua a reproduzir a crença simbólica atualmente, da mesma forma quando criada a Escola Prática de Enfermeiras, por meio das aspirantes, agora dos cursos técnicos em Enfermagem, e de Primeiros Socorros, quando ostentam a representação objetual mais significativa em seus uniformes, a cruz na cor vermelha

Logo, por meio das representações objetuais ostentadas pelas Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, e divulgadas nas imagens veiculadas nas Revistas da Semana e Fon Fon, elas se tornam agentes mensageiras na reprodução da crença nesta Instituição, sob espectro da dominação masculina exercida principalmente pelos médicos.

Por fim, com estas representações exercendo o impulso para a reprodução da crença simbólica, o estudo evidenciou o círculo da crença simbólica, neste sentido, já que a reprodução de dava pelas Enfermeiras para Instituição Cruz Vermelha, e desta para as Enfermeiras, e que vale a pena visitar os documentos iconográficos e incentivar estudos com base neles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, G. **A Enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira** [Tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 1966.

AUAD, M. **Mulher e singularidade: Anésia Cauaçu, “mulher-mãe-guerreia”**. In: Percursos da memória: construções do imaginário nacional. Maria Teresa Toribio Brittes Lemos e Luiz Henrique Nunes Bahia (orgs.), Editora UERJ e NUSEG, 2000. p.167-180

AYRES, L. F. A. **As Enfermeiras Visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública do início do século XX**. [dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

BIDEGAIN A. M. **Mulheres: Autonomia e controle religioso na América latina** - Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1996.

BOISSIER, P. **From Solferino to Tsushima. History of the International Committee of the Red Cross**. Genebra: Henry Dunant Institute. 1985.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas – sobre a teoria da ação**. São Paulo (SP): Papirus; 1996.

_____, P. **A Economia das trocas lingüísticas - o que falar quer dizer**. São Paulo(SP): EDUSC; 1998.

_____, P. **A Dominação Masculina**. Brasil. Rio de Janeiro(RJ): Berthand Brasil: 2003b.

_____, P. **Coisas Ditas**. São Paulo (SP): Brasiliense; 2004.

_____, P. **A Produção da Crença – contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo(SP): Zoouk; 2004.

_____, P. **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris: Mouton, 1963.

_____. P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

_____. P. **Esquisse d’une théorie de la pratique; précédé de trois études d’ethnologie kabyle**. Paris: Seuil, 1972.

_____. P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. P. **O Senso Prático**. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 2009.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens – a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)**. Rio de Janeiro (RJ): DP&A e FAPERJ; 2002.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Solferino e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha.** 2009. Disponível no site: <http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/html/solferino-feature-240609>, em 09 de dez de 2009.

_____. **The emblems of the International Red Cross and Red Crescent Movement.** 2009. Disponível no site: <http://www.cicr.org/Web/Eng/siteeng0.nsf/html/emblem> em 09 de dez de 2009.

COURY, A. F. **Fatos e fotos da Cruz Vermelha Brasileira na Gripe Espanhola: a imagem pública da Enfermeira (1918)**, [dissertação de mestrados]. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2010.

CRANE, D. **A moda e seu papel social – classe, gênero e identidade das roupas.** SENAC. São Paulo (SP). 2006.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Estatutos da Escola Prática de Enfermeiras**, Órgão Central. Rio de Janeiro (RJ), 1918.

_____. **Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908-1923).** Órgão Central. Rio de Janeiro (RJ), 1923.

_____. **Histórico do Movimento Internacional da Cruz Vermelha.** Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Rio de Janeiro (RJ), s/d.

ECKERT, G. **De vestidos de branco impresso cirúrgica a evolução de enfermagem uniformes.** Reportagem virtual, 2009. Disponível em <http://pt.mixednews.net/2009/07/11/de-vestidos-de-branco-impresso-cirurgica-a-evolucao-de-enfermagem-uniformes/> 09 de nov 2009.

FISCHER-MIRKIN, T. **O Código do vestir – os significados ocultos da roupa feminina.** Rio de Janeiro (RJ): Rocco; 2001.

FRESHSE, F. **Antropologia do encontro e do desencontro: fotógrafos e fotografados nas ruas de São Paulo.** *In:* O imaginário e o poético na ciências sócias. Martins, JS;Eckert, C e Novaes, SC (org.). EDUSC. Bauru (SP), 2005.

FONSECA, C., ROSA, R. **Nos Bastidores de um vídeo etnográfico.** *In:* Desafios da imagem – Fotografia, iconografia e vídeo na ciências sociais. Feldman-Bianco, B. e Leite, M.M (orgs). Papius, São Paulo, 1998.

GARNIER, C. J. **The Worship of the Dead London**, 1904.

GUGLIELMI, A. **A linguagem secreta do corpo - a comunicação não verbal.** Tradução Denise Jardim Duarte. Editora Vozes. Petrópolis (RJ), 2009.

GURAN, M. **Linguagem fotográfica e informação.** Gama Filho. Rio de Janeiro (RJ), 1999.

HOBBSAWM, E., RANGER, T. **A invenção das Tradições - A produção em massa das tradições** Rio de Janeiro: 1997.

HOLLANDA, A.B.H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro (RJ), 2000.

HUBER, M. "Henry Dunant", in *Revue internationale de la Croix-Rouge*, p.167-173,1928.

JENKINS, K. **A história repensada**. Ed. Contexto. São Paulo (SP), 2001.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. 10.ed. Papirus. São Paulo (SP), 2006.

KOCK, R. **The Book of Signs**. Dover, New York, 1955.

LECENTON, M. **História Ilustrada do vestuário. Um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste racinet e Friedrich Hottnroth**, Publifolha, São Paulo (SP), 2009.

LEITÃO, J. **Bandeiras da Europa, Significado das Bandeiras Européias, Explicação das Bandeiras**. Disponível no site: <http://www.joaoleitao.com/viagens/2008/04/06/bandeiras-da-europa-significado-das-bandeiras-europeias-explicacao-das-bandeiras/>. Capturado em 15 de dez de 2009.

LEITE, MM. **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**. EDUSP. São Paulo (SP), 1993.

LURIE, A. **A linguagem das Roupas**. Editora Rocco. Rio de Janeiro (RJ), 1997.

MACÊDO, G. N. S. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional**. [Dissertação de Mestrado] - Universidade Católica de Goiás, 2003.

MACLAREN, P. **Rituais na Escola – em direção a uma economia de símbolos e gestos na educação**. Vozes. Petrópolis (RJ), 1991.

MARCÍLIO, M. L. **Movimento da Cruz Vermelha e a Cruz Vermelha brasileira - 1864 - A Cruz Vermelha Brasileira**. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. USP, São Paulo, 2000. Disponível no sítio eletrônico: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-anteriores-%> Capturado em 15 de maio de 2010.

MARQUES, D. A. W. **O Livro da Diferenças**, 2003. Disponível no sítio eletrônico:<http://www.usinadeletras.com.br/ex.hp?cod=13882&cat=Artigos&vinda=SC3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/movimento-da-cruz-vermelha-e-a->

cruz-vermelha-brasileira/A-Cruz-Vermelha-Brasileira.html, acessado em 19 de julho de 2010.

MASSON, M. **A Pictorial History of Nursing**. Editora Hamlyn, Londres, Reino Unido, 1985.

MAUAD-ANDRADE, A.M.S. **Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX**. [Tese de Doutorado]. Curso de História. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal Fluminense; 1991.

MOTT, M. L. Anna Néri: uma personagem muito festejada, mas pouco conhecida. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro (RJ): Abril/junho; 2002; 163(415): 203-207.

MOREIRA, A. **Profissionalização da Enfermagem Brasileira: O Pioneirismo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890-1920)**. 2003 Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

NABUCO, J. **Discurso do Dr. Joaquim Nabuco pronunciado na kermesse organizada pela Comissão Central da Cruz Vermelha a favor dos feridos na guerra civil do Rio Grande do Sul, a 2 de julho de 1893 no Cassino Fluminense**. Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C. Disponível em http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/files/i/104/00.jpg&imgrefurl=http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modulos/busca/listar_projeto.php%3Fcod%3D13&usg=__yUr2PqF1EwDdWDK-tgxAAa_lolE=&h=638&w=428&sz=121&hl=pt-BR&start=3&um=1&tbnid=l1zwqhc86s8vBM:&tbnh=137&tbnw=92&prev=/image_s%3Fq%3D%2522FUNDA%25C3%2587%25C3%2583O%2BjOAQUIM%2BNA BUCO%2522%26ndsp%3D18%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26um%3D1. Capturado em 20 de abril de 2010.

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. Editora Bruno Buccini. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ), 1969.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Editora EDUSC, Bauru (SP), 2005.

PERROT, M. **Minha história de das mulheres**. Tradução Ângela M.S. Côrrea. Contexto. São Paulo (SP), 2007.

PIETROFORTE, A. V. **Semiótica Visual – os percursos do olhar**. Contexto. São Paulo (SP), 2004.

POLIANO, L. M. HERÁLDICA, G. R. D. **São Paulo e Instituto Municipal de Arte e Cultura**. Rio de Janeiro (RJ), 1986.

POLICLÍNICA DE BOTAFOGO. **Histórico do Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo**. Imprensa Oficial. Rio de Janeiro (RJ), 1919.

PORTO, F. **Enfermagem: Cruz Vermelha Brasileira e Anna Nery (1935-1956)**. [Relatório de Pós-doutorado]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. F. **Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira na imprensa ilustrada: o poder simbólico do *click* fotográfico**. [tese de doutorado]. Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery, 2008.

PORTO, F., AMORIM, W. Escolas e Cursos de Enfermagem na História da Profissão no Brasil (1890-1922). In: **Revista de Enfermería y Humanidades – Cultura de los Cuidados**. 1º Semestre. Ano XIV. Número 27, 2010.

PORTO, F., SANTOS, T.C.F. **A Enfermeira Brasileira na Mira do Click Fotográfico**. In: PORTO, F., AMORIM, W. **História da Enfermagem**. Editora Águia Dourada. Rio de Janeiro, 2007.

PORTO, F. BARBOZA, A. C. S. **A Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira: sua Contribuição na Construção da Visibilidade na Imprensa Escrita (1916-1917.)** In: Creutzberg M, Funck L, Kruse MHL, Mancia J.R., organizadores. Livro-Temas do 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; Enfermagem hoje: coragem de experimentar muitos modos de ser [livro em formato eletrônico]; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <http://bstorm.com.br/enfermagem>. Capturado em 22 de julho de 2010.

PORTO, F., SANTOS, T.C.F. Triangulação dos dados na pesquisa em história da enfermagem. Rio de Janeiro (RJ): In: **Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental**; 2006; 10(1): 25-27.

ROCHE, D. A. **Cultura das aparências – uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. Editora SENAC. São Paulo (SP), 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes – mito ou realidade**. 2ª edição. Editora Vozes. Petrópolis (RJ), 1976.

SANTOS, G.F. **O livro do Enfermeiro e da Enfermeira**, 1928.

SANTOS, S. D. **Florence Nightingale**. Livraria Freitas Bastos S. A. Rio de Janeiro (RJ), s/d.

Santos, T.C.F. **A câmera discreta e o olhar indiscreto: a persistência da liderança norte-americana no ensino da enfermagem na capital do Brasil (1928-1938)**. [tese de doutorado] Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1998.

SILVA NETO, A. A. **O Símbolo e o Fenômeno Paranormal**. Instituto Pernambucano e Pesquisas PsicoBiofísicas. Pernambuco (PE), 2008.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Mauad. Rio de Janeiro (RJ), 1999.

SOHN, A. M., THÉLAMON, F. **L'histoire sans les femmes est-elle possible?** Perrin, Paris, 1998.

SOIHET, R. Pisando no sexo frágil. *In: Rev. Nossa História*. Ano 1. Número 3. Janeiro, 2004.

SOUZA, RF. Fotografias escolares; a leitura de imagens na história da escola primária. Curitiba (PR): *In: Revista Educar*. UFPR; 2001; Número 18: 75-101

VINE, W. E. **An Expository Dictionary of New Testament Words**. Londres, 1962.

WEMPLE, S. F. **As Mulheres do Século V ao Século X, IN: História das Mulheres no Ocidente - Porto: PT: Ed. Afrontamento Ltda, 1990.**

WIKIPEDIA. **Pensos**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Curativo>. Capturado em 22 de dezembro de 2010.

WILLMOTT, H P. **Primeira Guerra Mundial**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2008.

ZWERDLING, M. **Postcards of Nursing. Philadelphia**. Lippincott Williams and Wilkns. 2004.

ANEXO A

Matriz de Análise Fotográfica

1. Dados de Identificação

- Local do acervo:
- Nome da revista ilustrada:
- Número do exemplar:
- Página que se encontra a imagem fotográfica:
- Data da publicação do exemplar da revista:
- Título ou manchete que acompanha a fotografia:

2. Dados para o Plano de Expressão

- Crédito da imagem fotográfica:
- Relação texto imagem:
- Legenda:
- Tipo de foto:
- Formato;
- Plano:
- Sentido:
- Localização da imagem na página:

3. Dados para o plano de Conteúdo

- Local retratado:
- Pessoas retratadas:
- Tema da imagem retratada:
- Atributos:
 - Pessoais:
 - Paisagem:

4. Dados Complementares obtidos de outra imagem fotográfica

Origem da informação:

Informação complementar:

Fonte: PORTO; CIVATTA; SANTOS, 2007.